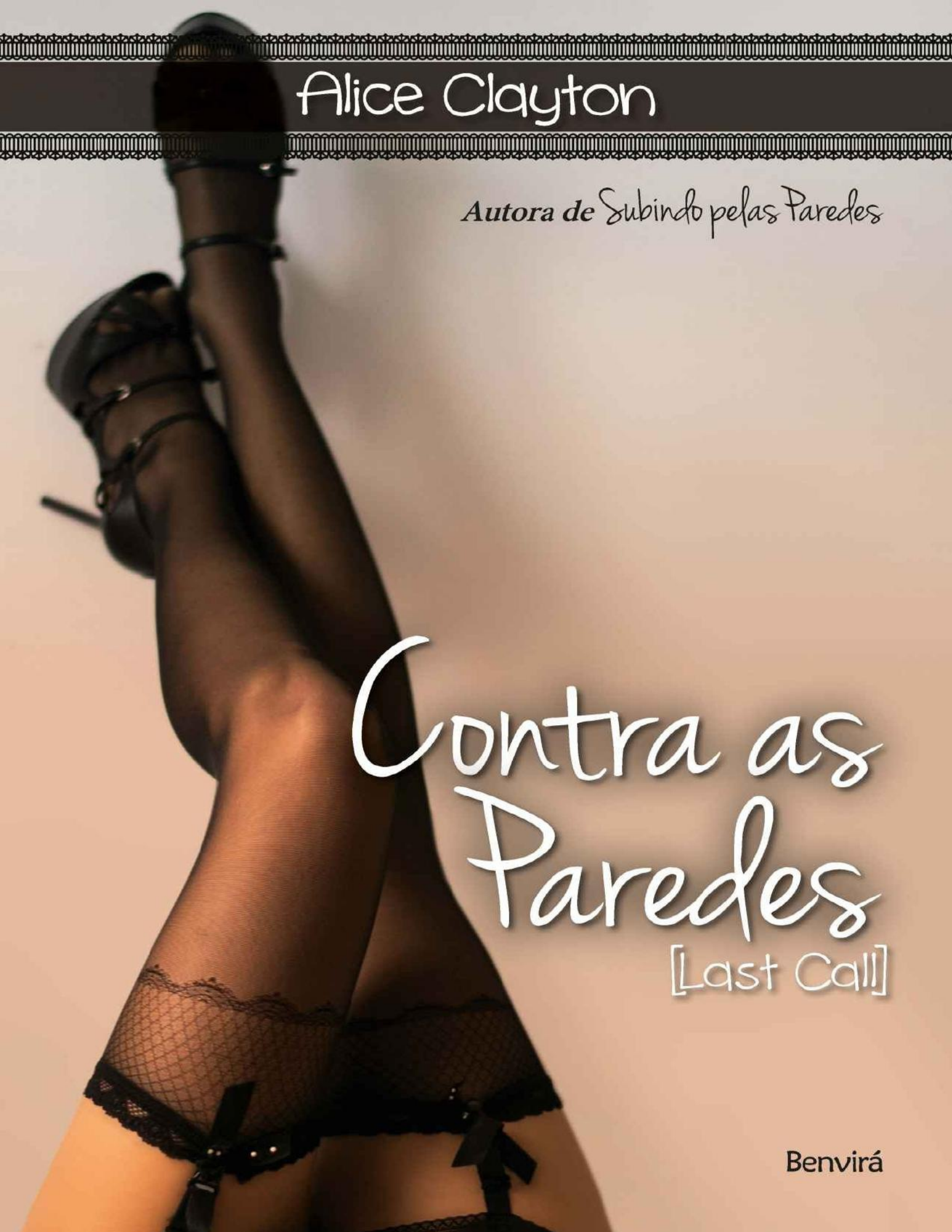
Alice Clayton

*Autora de* Subindo pelas Paredes



# Contra as Paredes

## [Last Call]

Benvirá

CRÉDITOS: STAR BOOKS DIGITAL

*Epub feito com PDF Oficial*



*Este livro é dedicado a Edward Cullen,*
*porque, né, Edward Cullen.*

# PRÓLOGO

Uma noite estrelada.

Uma donzela esbranquiçada. Uma sandália maculada.

Este é o começo do fim desta história de amor. Na qual as garotas são belas, os rapazes são lindos e os gatos são verdadeiras estrelas do rock. Na qual amizades perduram e relacionamentos amaduram. Na qual saias são esvoaçantes, emoções, alucinantes, e todos têm o seu final feliz… não têm?

Vemos casais felizes. Vemos amor eterno. Vemos uma capela. Assim expira esta história.

Assim expira esta história. Assim expira esta história.

Não com um suspiro, mas com uma explosão[i].

# CAPÍTULO UM

– Isso é péssimo. Isso é muito péssimo.

– Tudo bem, a gente pode… Uou, está em todas as partes, né? – falei.

– Isso é péssimo. Isso é muito péssimo – repetiu Sophia.

– Pega papel-toalha pra mim, vou tentar limpar isso… Meu Deus, que coisa nojenta.

– Isso é péssimo. Isso é muito péssimo. Bati o pé no chão em protesto.

– Para de ficar falando isso! A gente precisa limpar antes que… Merda! Mimi tinha chegado.

– Que cacete é isso no meu vestido?!

O jeito mais rápido de ser rebaixada do posto de madrinha ao de desconvidada de desonra é vomitar no vestido de casamento da noiva. Entretanto, se você algum dia for vomitar em um vestido de casamento, que seja no de uma noiva obsessiva-compulsiva, hiperplanejadora e dada a fantasias extravagantes.

Mimi era uma personalidade tipo A com uma pitada de Disney. Na prática, isso significava que ela não conseguira se decidir sobre o vestido de casamento e, portanto, tinha dois. Exclusivos. Um para a cerimônia, outro para a recepção. Assim, quando um deles foi maculado por Sucrilhos semidigeridos – quando eu digo "maculado", é maculado mesmo –, Mimi entrou no modo contenção de danos e imediatamente se declarou uma gênia por ter tido a precaução de comprar dois vestidos. O vestido para a recepção se tornou o vestido para a cerimônia, e a paz voltou a reinar na terra dos véus e das grinaldas.

Até que notamos que havia Sucrilhos semidigeridos espalhados sobre suas sandálias Jimmy Choo. E talvez um ou outro cereal dentro delas…

No fim das contas, foi a barriga de Sophia que a impediu de ser banida da igreja. Eu consegui conter Mimi a muito custo; para alguém que pesava menos de quarenta e cinco quilos, ela era bem forte.

– Você arruinou meus Choos!

– Foi sem querer! Você sabe que eu não consigo segurar! Virei uma fonte, a coisa simplesmente jorra de mim! Se estou com muito calor, eu vomito. Se estou com muito frio, eu vomito. Se sinto cheiro de perfume (ótima escolha, aliás, é delicioso), eu vomito. Você precisava ver quantas gravatas do Neil eu estraguei! É nojento! – Ela abraçou a barriga saliente. – Mas eu estou grávida! Você não pode ficar brava comigo por gerar o milagre da vida!

– Oh, cara… – murmurei, revirando os olhos.

Sophia era a grávida mais deslumbrante de todos os tempos, disso ninguém podia discordar. Sua pele brilhava, seu cabelo estava voluptuoso, seus olhos luziam, e seus peitos estavam mais fantásticos do que nunca. Maravilhosa. A não ser pelas cinco ou seis ocasiões diárias em que sua pele ficava verde, gotas de suor brotavam em sua testa, e ela esguichava o conteúdo inteiro de seu estômago para todos os lados – a não ser que conseguisse chegar a tempo a um banheiro. Ou a uma lata de lixo. Ou a um vaso de planta. Ou ao beco para o qual dava seu apartamento – eu estava presente nessa ocasião em particular. No entanto, poucos instantes depois, ela voltava a ser o arquétipo perfeito e reluzente da pré-maternidade, com delicadas mãos suavemente

pousadas sobre aquela protuberância. Mão esquerda posicionada, não fortuitamente, sobre a direita. Sophia aproveitava toda e qualquer oportunidade para exibir o novo anel de noivado. E estava certíssima; o anel era incrível. Rumores davam conta de que Neil precisara de um guindaste para erguê-lo e colocá-lo no dedo de Sophia…

Naquele momento, ela havia assumido uma postura defensiva, acentuada por olhos arregalados e uma expressão inocente (mas ainda assim toda ostentosa), enquanto eu tentava conter a noiva, que agora temia que seu casamento meticulosamente planejado desmoronasse bem diante de sua cara. Que estava vermelho-viva. Mimi estava brava de verdade.

– Vestido reserva: tenho. Choos reservas? Não tenho! Que diabos eu vou colocar nos pés?!

– Não dá pra limpar? – perguntei, puxando-a após mais uma tentativa de avançar sobre Sophia. Que parecia estar em um teste para o papel de Virgem Maria antes de chegar com José ao estábulo.

– Eles não vão ficar limpos a tempo! Além do quê, eu não vou andar de um lado pro outro no dia do meu casamento com os pés fedendo a forro estomacal!

– Mimi gritou.

– Agora sou eu que estou ficando enjoada. Podemos parar com o assunto vômito? – perguntei, engolindo um bolo de saliva. – Você pode usar a minha sandália; eu fico descalça.

– Você tem um pé de gigante! Eu vou ficar parecendo um palhaço nessa lancha!

Para constar, eu calço só trinta e seis.

– A única chance de eu usar a sandália de outra pessoa é você encontrar, em menos de vinte minutos, alguém extremamente sofisticado que calce trinta e três.

– O lábio inferior de Mimi começou a tremer.

Desesperada, me virei para Sophia, que evidentemente estava se sentindo péssima pelo ocorrido. Comecei a calcular mentalmente em quanto tempo conseguiria chegar à loja de departamento de luxo mais próxima, e então ouviu-se uma batida na porta.

– Mimi? – Era a voz de Ryan. – Mimi, você está aí?

– Ryan? Ryan, não era pra você estar aqui, você não pode me ver! – Mimi se livrou dos meus braços e correu para trás da porta. Ela trajava apenas uma calcinha de cetim branca, um espartilho de renda branco e uma liga com fita azul. Oh, eu não tinha mencionado essa parte? – Sério, dá azar ver a noiva antes do…

– Sua boba, eu nunca desrespeitaria uma tradição dessas – ele a tranquilizou. – Só quero falar uma coisa… antes de caminhar pelo corredor da igreja e essa coisa toda.

– Oh? – Ela se inclinou contra a porta.

– Então. Eu só queria dizer que… que eu sou muito sortudo. Eu sou o cara mais sortudo que conheço por casar com a garota dos meus sonhos.

– Oh… – ela sussurrou, pressionando uma mão contra a madeira.

– Ohhh – Sophia e eu articulamos com os lábios, mas sem pronunciar nenhum som. Nós entrelaçamos os braços e escutamos.

– E eu não aguento mais esperar para casar com você… Sério, não aguento, literalmente não

aguento. Sei que só falta uma hora, mas é tempo demais, sabe?

– Sei – ela murmurou e relaxou o corpo contra a porta. Vestido de casamento?

Esquecido. Choos? Esquecidos. – Eu te amo tanto!

– Eu também te amo, meu amor – ele sussurrou, e Sophia e eu suspiramos ao mesmo tempo. – E eu também não aguento esperar pela lua de mel. Vou te jogar na cama e arrancar esse vestido num piscar de olhos! Não vejo a hora de comer a *minha esposa*!

– Então, amor. As garotas estão aqui.

– Merda.

– Oooi, Ryan! – Sophia e eu dissemos em uníssono.

– Merda – ele disse de novo.

– Mas, uau, gostei do que ouvi – Mimi falou baixinho.

Do outro lado da porta, Ryan soltou uma risadinha e falou:

– Certo, vou deixar você com suas coisas de noiva. Só queria dizer isso.

– Te vejo lá! – Mimi sorriu, e nós ouvimos os passos de Ryan se afastando. Ela se virou para nós duas, com brilho nos olhos. – Eu vou casar com aquele homem descalça! Quem liga pra isso?

Tal qual um pequenino e feliz torpedo, ela correu até mim e Sophia e nos deu um abraço apertado. E, simples assim, Sophia estava novamente convidada para a festa de casamento.

*

Crise contornada, o casamento transcorreu sem nenhum problema. Nenhum vômito, muitas risadas, muitas lágrimas. E um par de pés perfeitos deslizando pelo corredor em direção ao noivo. O vestido de Mimi era um midi de cetim com padronagem dos anos 1950 perfeitamente esculpido em seu corpo. O fato de que ela estava descalça? Encantador. Seu sorriso? Visível até do espaço sideral. Equiparado apenas ao ostentado por seu futuro marido ao observá-la se aproximar. A cerimônia foi breve para os padrões católicos, e um primor. Por falar em primor… Eu nunca me cansaria de olhar para Simon de smoking. Especialmente na extremidade do corredor de uma igreja. Não vou mentir, me fez pensar em coisas.

Especialmente nas várias vezes durante a cerimônia em que seu olhar encontrou o meu. Algumas dessas vezes, nós simplesmente sorrimos, curtindo o momento na companhia de nossos amigos. Outras, ele pareceu pensativo; casamentos nos fazem mesmo refletir sobre o futuro e o passado. Uma vez, aquelas safiras cintilaram para mim numa insinuação de que Simon gostaria de estar em cima não de um altar, mas de outra coisa. Ele gostaria de estar em cima de mim.

Caso não tenha ficado claro.

Os recém-casados percorreram o corredor sob aplausos e votos de bem-querer, seguidos por Neil e sua namorada extremamente grávida, Sophia. Na sequência, Simon desceu os poucos degraus do altar, passou minha mão entre seu braço e me conduziu pelo corredor.

– Linda.

– Foi uma cerimônia linda mesmo.

– Eu não estava falando da cerimônia – ele sussurrou, o olhar percorrendo meu corpo, passando pela seda castanho-avermelhada, um shantung quase imperceptivelmente tingido, pelos saltos peep toe perfeitamente coloridos, e subindo de volta até se fixar no decote. Fartamente generoso. As madrinhas de Mimi usavam vestido com decote profundo.

– Seu fofo.

– Eles são fofos – Simon murmurou, ainda contemplando meus meninos.

– Olhe para a frente, senhor Parker – instruí, dando um apertão em seu antebraço. E, ao fazê-lo, fui mais uma vez lembrada da força inata daquele homem, meu homem. Esbelto, magro, alto, inacreditavelmente belo com seus cabelos escuros e olhos azuis, as mãos poderosas me segurando enquanto metia em mim no… Opa. Oi?

– Para onde seus pensamentos acabaram de viajar? – ele perguntou, a expressão curiosa.

– Para um lugar bem safadinho – provoquei, e um rubor aqueceu minhas bochechas.

Afastando uma mecha loira e prendendo-a atrás de minha orelha, Simon se inclinou em minha direção e beijou meu pescoço, bem abaixo dessa mesma orelha.

– Eu não esperava outra coisa da minha Garota do Baby-Doll Cor-de-Rosa.

– Controle-se, Trepador de Paredes. Ainda temos uma recepção pela frente. Depois, fotos. Depois, coquetel. Depois, jantar. Depois, dança. Eu ficaria surpresa se tivéssemos tempo de fazer safadezas antes de amanhã.

– Rapidinha na chapelaria?

– Nem pensar; aqueles dois arruinaram esse conceito pra mim. – Dei risada, apontando para Sophia e Neil.

A mão de Neil se achava firmemente posicionada sobre a bunda de Sophia. Igreja? Que igreja? Desde o anúncio da gravidez, alguns meses antes, Sophia tinha ganhado quase catorze quilos, e todos foram para seus seios e bunda. Neil estava insaciável.

– De quatro. O dia todo. A noite toda. Ele não quer outra coisa. Ele não para de olhar, de tocar, de beijar, de esfregar. É como se eu fosse uma enorme bunda ambulante que existisse para seu bel-prazer – Sophia contara para mim e Mimi durante um almoço. Para imenso deleite do garçom que nos servia, que curiosamente não saiu de perto de nossa mesa naquele dia. Meu copo de água não ficou vazio em nenhum momento.

Quando estávamos nos aproximando da última fileira de bancos, Simon se inclinou em minha direção mais uma vez.

– E se eu dissesse que sei de um lugar perfeito para uma rapidinha, um lugar onde ninguém nos acharia? – Seu hálito esquentou minha pele e outras partes mais.

– Você é um diabinho, sabia? – sussurrei, sendo tomada por um arrepio delicioso.

– Caroline. Por favor. Estamos na igreja – ele me repreendeu, com um brilho no olhar.

Ungh! Como eu *amava* aquele cara!

Havíamos chegado aos degraus da entrada. Nós todos nos espalhamos pela calçada e observamos Ryan rodar sua agora esposa, cujos pezinhos pairaram no ar, os braços firmes em volta do pescoço dele; Mimi ria sem parar. A multidão os ovacionou, e meus amigos e eu nos juntamos para assistir e admirar os primeiros da turma a oficializarem a coisa.

– Quanto tempo você vai fazer o Neil esperar para te rodar no ar assim? – perguntei a Sophia, que se encontrava na frente do pai de seu bebê.

– Seis meses depois que o bebê nascer. Acho que é tempo suficiente para perder esses quilos e ficar absolutamente fantástica no vestido de noiva – ela respondeu, esfregando, não tão sutilmente, a bunda contra Neil. Que gemeu e, não tão sutilmente, passou a pressionar o quadril contra o traseiro dela.

– Ei, ei! Impossível. Desver. – Cobri meus olhos.

– Eu não resisto. Você já deu uma olhada nessa bunda? Gata, vira pra eles verem sua bunda! – Neil incentivou, e Simon deu risada, dando tapinhas em suas costas e afastando-o do grupo.

– Vou levar o Homem-Bunda aqui para cumprimentar o novo senhor Mimi ali.

Não aprontem, vocês duas – Simon disse e deu uma risadinha.

Sophia e eu observamos os dois se afastando.

– Por falar em belas bundas… – falou Sophia.

– Não é? E, Pai do céu, só eu que estou achando esses dois insanamente lindos de smoking?

– Faz a gente se perguntar, não faz? – Sophia devaneou enquanto admirava seu Homem-Bunda, que agora girava Ryan no ar em uma perfeita reencenação.

– Se perguntar o quê? Quando casar? Quando a gente deveria tornar a coisa oficial? Em quando todos nós formos marido e mulher? – indaguei, meu coração quase saindo pela boca diante do pensamento de me tornar a senhora Parker.

– Não! – Ela balançou a cabeça e me encarou com uma expressão curiosa. – Se o Neil está usando cueca embaixo daquela calça apertada. Não vejo nenhuma marquinha.

– Ah. É. Isso é outra coisa totalmente diferente – falei, soltando uma risadinha sem graça.

Sophia passou os braços ao meu redor e me apertou.

– Caroline Reynolds, você ficou vermelha!

– Calada.

– Toda animadinha com a perspectiva de se casar, de Simon virar seu maridão?

– Você acha que só porque está grávida eu não vou dar um pisão no seu pé?

– Deixa disso, vamos dar um beijo na pé-cascuda ali – ela falou, com um sorrisinho zombeteiro, apontando para Mimi, que, cercada por familiares, irradiava alegria.

*

Uma hora e meia depois, estávamos bebendo champanhe sob um dos mais icônicos monumentos de San Francisco, o Palace of Fine Arts. Mimi havia analisado os diagramas solares não para fins astrológicos, mas para fins de uma retroiluminação perfeita. Assim, o sol se derramaria através das janelas da igreja de maneira a acentuar precisamente seu tom de pele; além disso, ela planejara a recepção em consonância com o crepúsculo, para capturar o exato momento em que o sol se poria atrás da rotunda. E, quando as luzes foram acesas e as velas fulguraram, o lago abaixo espelhou lindamente o estonteante monumento. Tons de ouro polido da construção, o índigo profundo da água, os amarelos amanteigados da luz das velas e o

caleidoscópio de magenta, laranja e fúcsia do pôr do sol pintaram o cenário de fundo do encantador anoitecer. Foi a perfeição, tal como somente uma organizer profissional seria capaz de lograr.

Simon e eu nos misturamos aos convidados, bebendo nosso espumante e conversando com estranhos, com conhecidos e, finalmente, com amigos. Convidada para o casamento após ter se tornado amiga de Mimi durante a reforma de sua casa em Mendocino, Viv Franklin estava presente. Com seu elegantérrimo noivo, Clark Barrow.

– Não acredito que você está grávida de novo! William não tem nem seis meses! – exclamei ao saber da novidade.

– Eu sei, eu sei! Mas o Clark aqui tem um esperma sobre-humano ou algo do tipo. Não sei explicar. Eu só aproveito.

– Vivian! – Clark repreendeu, balançando a cabeça, as bochechas coradas. – Você pode compartilhar as novidades sem compartilhar tudo.

– Eu posso compartilhar o que bem entender, já que sou eu carregando um bebê nesta linda barriguinha – Viv emendou, acariciando a barriga, que começava a despontar, e colocando um ponto-final na discussão. O que fez Clark corar mais intensamente.

Simon e eu visitáramos os dois após o nascimento de seu primeiro filho, um lindo menino. Os pais de primeira viagem estavam em êxtase com tanta sorte. Haviam feito planos de se casar alguns meses depois do nascimento de William, mas, ao que parecia, esses planos teriam de esperar.

– Eu quero casar na minha cidade, no mesmo lugar em que todos os meus irmãos casaram – disse Viv. – Você lembra da Saint Gabriel, não lembra, Simon?

– A igreja na Seventh Street? – ele perguntou. Os dois tinham crescido juntos na Pensilvânia.

– A própria. A que casa Franklins a torto e a direito. A questão é que os católicos são uma raça curiosa quando se trata de pecado: perdoam qualquer coisa, mas não gostam de ver com os próprios olhos, sacam? Minha mãe morreria uma morte horrível se a filha se casasse grávida na igreja. – Viv soltou uma gargalhada.

– Por isso, nós vamos esperar este aqui nascer e nos casar ano que vem – Clark concluiu, passando um braço sobre os ombros de Viv e puxando-a para perto. – Nossos filhos estarão presentes no nosso casamento! Não é sensacional?

– Muito sensacional! – Viv concordou e abriu um sorriso para Clark. Então, se virou para mim. – Por falar em coisas sensacionais, você precisa ver meus últimos quadros! Fazem parte de uma série sobre as variações da iluminação no oceano em diferentes momentos do dia. Não é por nada, não, mas ficaram bem bons.

– Eu adoraria vê-los! Nunca tive nenhuma dificuldade para vender seus trabalhos pros meus clientes, você sabe disso – falei, me perguntando quando conseguiria dar uma escapada para o norte.

As coisas estavam a todo vapor no Jillian Designs, e minha agenda estava cheia, mas não excessivamente. Eu tinha alcançado um equilíbrio quase perfeito entre o escritório e o lar, o que era absolutamente incrível.

Eu fora contratada em definitivo por Jillian após um período de estágio durante meu último

ano na faculdade, e ela se tornara mais do que uma chefe, uma confidente, uma mentora: ela se tornara uma grande amiga.

No último ano, mais ou menos, nossa relação profissional havia se transformado. Quando Jillian me contou que ela e Benjamin passariam a morar em Amsterdã durante seis meses por ano, imaginei que meu trabalho no escritório de design de interiores fosse mudar drasticamente. Passei alguns meses no comando de tudo enquanto os dois aproveitavam sua lua de mel prolongada; por isso, fiquei orgulhosa quando Jillian me ofereceu sociedade no escritório. Orgulhosa e apavorada. Ainda mais apavorada por recusar a proposta, algo que a maioria dos jovens designers jamais faria. No entanto, a Caroline Criativa em mim tinha chegado à conclusão de que a parte administrativa do negócio não era minha praia. Ainda assim, quando as chaves do reino lhe são oferecidas, você não as recusa simplesmente.

E eu não as recusei, mas tampouco as agarrei com unhas e dentes. Jillian e eu chegamos a um modelo de parceria que me possibilitava trabalhar principalmente com os clientes e, ao mesmo tempo, supervisionar tudo de uma maneira geral enquanto ela se encontrava fora. Concordamos que eu continuaria em uma função mais criativa e contratamos um excelente gerente, o qual garantia que a luz não fosse cortada mas o canhoto do holerite dos funcionários, sim.

Não se engane, porém: as coisas continuavam agitadas no que dizia respeito a trabalho. Depois de ajudar na reforma da casa vitoriana que Viv herdara em Mendocino, eu ficara retida na região por diversos trabalhos de restauração, expandindo o alcance do Jillian Designs para além da Área da Baía. Fizera projetos em toda a extensão entre o norte californiano e Santa Bárbara. Ainda trabalhava principalmente em San Francisco, mas esse trabalho regional era gostoso e recompensador. E eu ajudava a elevar ainda mais a imagem do escritório, já muito conceituado.

Mesmo bastante ocupada, sempre achava tempo para escapar até Mendocino para passar uma noite e admirar as mais recentes obras de Viv. Algumas vezes, Simon me acompanhava, outras, não; mas sempre era uma viagem gostosa para um destino encantador. Viv tinha transformado seu sótão em ateliê, onde pintava quadros incríveis, todos inspirados em seu novo lar. Eu vendera alguns dos quadros para clientes meus, e a fama de Viv estava começando a se espalhar. Algumas obras podiam ser encontradas em lojas da região, e ela até mesmo expusera em uma feira de artes local. Novos quadros? Deixa comigo.

– Vou checar minha agenda para ver quando consigo dar uma passadinha lá, beleza?

– Perfeito! Simon, por que você não vai também? A gente acabou de comprar mais dois caiaques – Viv falou, torcendo para que seu companheiro de aventuras fosse junto comigo.

– Preciso ver. Vou fazer uma viagem longa em breve, tenho muita coisa pra resolver até lá – disse Simon. Mas eu notei o brilho em seu olhar diante da ideia de praticar caiaque.

– Ah, vai se foder! Você vai, e fim de papo. E eu preciso de outra cerveja-de- raiz. Anda, Clark, vamos! – disse Viv, decidindo pelo noivo.

– Mulher impossível – Clark murmurou, mas a seguiu em direção ao bar. Com um largo sorriso no rosto.

– Não perderam tempo, esses dois – Simon observou.

– Por falar em não perder tempo… – Apontei para a mesa principal, onde Mimi e Ryan estavam entretidos em preliminares pré-noite de núpcias.

– Vai ser uma longa noite, não vai?

– Eu mantenho você entretido – sussurrei, deslizando uma mão por suas costas e dando um breve apertão em sua bunda magnífica.

– Garota do Baby-Doll… – ele falou, passando as mãos pelos meus cabelos e me puxando para um longo, lento beijo.

Eu permiti. O fato de estar em uma recepção de casamento, cercada de pessoas? Não dei a mínima. Beijei-o também. Seus lábios doces se abriram, e sua língua mais doce ainda se emaranhou com a minha. Minha respiração se acelerou, minha pele subiu de temperatura; eu estava prestes a aceitar seu convite para uma rapidinha. Mas então os brindes começaram a ser feitos ao microfone; era hora de voltar à mesa principal para desempenhar o papel de membros aprumados e respeitáveis do esquadrão matrimonial.

– Mais tarde – Simon sussurrou. Prometeu. Hummm.

*

A festa transcorreu sem nenhum contratempo. Todos dançamos, todos bebemos, todos dançamos mais um pouco, todos definitivamente bebemos mais um pouco. Sophia e Viv, que finalmente se conheceram e ficaram amigas entre um drinque sem álcool e outro, trocaram histórias de parto e conversaram interminavelmente sobre um tal de sling. O que quer que fosse, elas pareceram falar sobre isso por horas. Como Sophia era a primeira mamãe em nosso pequeno clã, fiquei feliz por ela ter feito uma amiga que compreendia o que estava passando.

Quando nos despedimos de Mimi e Ryan, que estavam indo passar a noite no Palace Hotel, de onde partiriam cedinho para a lua de mel em Bora Bora, eu já estava agradavelmente bêbada e mais do que agradavelmente ávida pelo homem que passara a noite pedindo ao DJ para tocar Glenn Miller. Mesmo assim, consegui um momento sozinha com minha amiga antes que ela partisse.

– Você foi a noiva mais linda que eu já vi. Sério, Mimi, foi um dia incrível.

– Foi, não foi? – Ela sorriu, erguendo um pé para dar uma olhada na sola. – Meu pé está imundo.

– Está bem nojento mesmo – concordei. – Mas você arrasou.

– Eu sei! – Ela riu e me abraçou.

– Nem casou e já está trocando de time? – Sophia perguntou, surgindo do nada.

– Oh, vem aqui! – Mimi gritou, puxando-a para nosso abraço coletivo. – Vocês duas são minhas melhores amigas, sabiam?

– Melhores amigas? Por que sua prima foi a madrinha de honra, então? – Sophia provocou, e o rosto de Mimi se contraiu.

– A senhorita sabe muito bem que não foi uma escolha; minha mãe me mataria se não fosse ela, e…

– Coisinha, baixa a bola. Eu estava brincando. – Sophia soltou uma gargalhada e beijou-a na testa. – Você estava linda hoje. Porra, nós todas estávamos. Você nos proporcionou uma festa e tanto. Parabéns!

– Obrigada! E obrigada, Deus, por você não ter se apaixonado pelo Ryan. E obrigada, Deus, por eu não ter me apaixonado pelo Neil. Quero dizer, ele é um gato e beija superbem, mas…

– Obrigada, Deus, por todas nós termos ficado com quem ficamos no fim das contas. Que tal? – interrompi, sorrindo com a lembrança do fim de semana em Tahoe no qual os quatro corrigiram seus extravios românticos. O que poderia ter terminado em desastre terminara com dois deles casados e dois deles grávidos. Nós olhamos para nossos três homens, na pista de dança. Gravatas frouxas, paletós abandonados, cabelos desgrenhados. Deus do céu, eles eram lindos.

– Vou buscar meu marido e levá-lo para a suíte romântica do Palace – disse Mimi, com um sorriso tão absorto quanto… lascivo.

– Vou buscar o Simon e deixá-lo fazer coisas comigo no banco de trás da limusine no caminho para Sausalito.

– Vou buscar o Neil e alguns pedaços daquele bolo e deixá-lo me comer enquanto eu como bolo.

– Ah, pelo amor de…

– Boa noite, Cinderela!

E despachamos Mimi para sua lua de mel.

*

Uma hora e meia mais tarde…

– Simon. Simon. Oh, Deus, Simon, que delícia, aí mesmo, aí, não para…

*

Um minuto e meio mais tarde…

– Não estou acreditando que você estava comendo bolo enquanto eu fazia aquilo com você.

– Relaxa, lindo. Você pode comer bolo enquanto eu faço isso com você…

– Caroline, sua safadinha, no banco de trás de uma limusine… Oh, uou, isso é bom. E esse bolo é fantástico.

# CAPÍTULO DOIS

– Mais uma vez: o que estamos indo fazer? Estamos indo comprar pit-bulls? – perguntei enquanto esperava no banco de trás do Range Rover com Sophia; Simon e Neil estavam enchendo o tanque para pegarmos a estrada. Iríamos passar a noite em Monterey, cidade natal de Sophia. Embora ficasse a poucas horas de distância de San Francisco, era um mundo completamente diferente.

– Sim. Exatamente. Estamos indo comprar pit-bulls, Caroline – Sophia respondeu secamente.

– Mesmo? Que coisa.

– Não é igual a comprar uma bolsa. Neil quer um filhote, e eu também. Acho que vai ser bom ter um filhote e um bebê ao mesmo tempo.

– Eu acho que vai ser loucura ter um filhote e um bebê ao mesmo tempo, mas, ei, só estou aqui pra fazer companhia – falei. Ela me mostrou o dedo do meio; eu retribuí. – Sério, não é muita coisa de uma vez só?

– A gente estava planejando pegar um cachorrinho depois que o bebê nascesse, mas aí o Lucas, meu primo, começou a me mandar fotos da última ninhada, e eu me derreti toda. Olha isso! Como resistir a isso, me diz? – ela falou, rolando a tela do celular e segurando-o para me mostrar seis ou sete filhotes minúsculos e adoráveis, enfileirados sobre um travesseiro, com uma mamãe orgulhosa ao fundo. Alguns eram cinza, outros eram malhados em preto e branco, todos davam vontade de morder. – E tem vídeo!

– Oh, assim você acaba comigo! – Soltei um suspiro enquanto assistia aos filhotinhos gingando pelo lugar, pulando e brincando e sendo absolutamente fofos. – Não sei como vou fazer para tirar o Simon de lá sem um filhotinho nos braços.

– O Clive iria matar vocês dois – observou Sophia, guardando o celular ao mesmo tempo que os meninos entravam no carro.

– Com as próprias patas – concordei.

– Próprias patas? De quem estamos falando? – Simon perguntou enquanto se ajeitava no banco do motorista.

– Clive. Matando a gente.

– Eu tenho pesadelos com isso – ele disse, com um arrepio. – Aquele gato é esperto demais pro meu gosto.

– E o harém dele? – Neil perguntou. Simon deu um soco em seu braço.

– Cara! Não chama de harém.

– As namoradas dele. Irmãs-esposas. Sei lá. Como não tem um zilhão de filhotinhos espalhados pela casa de vocês? – Neil indagou, esfregando o braço.

– Clive foi castrado há muito tempo. Perdeu as bolinhas, o meu menino – expliquei. – Ele conquistou aquelas garotas com sua personalidade, e sua personalidade apenas.

Quando retornara para casa após um período foragido, Clive não estava sozinho. Ele trouxera consigo três adoráveis gatinhas, que adotaram Simon e eu. Nós agora vivíamos com quatro – eu

disse quatro – gatos. Norah, Ella e Dinah se juntaram a Clive na governança do lar, e eu e Simon fazíamos nosso melhor para não incomodá-los. É verdade que em algumas noites nossa cama ficava meio entulhada, mas quer saber? A gente não trocaria isso por nada.

– Ok, Neil, vamos repassar o plano mais uma vez. A gente escolhe um filhote, um, de preferência o que parecer mais tranquilo. Combinado? – Sophia falou, esticando um braço e pousando a mão sobre um ombro dele.

– Vamos ver… – Ele fez que sim com a cabeça. Dez segundos depois, seu rosto ficou vermelho; Sophia o estava apertando, obviamente. – Um filhote, combinado! – ele falou com dificuldade, e ela lhe deu um tapa na cabeça. – Violoncelistas. As mãos mais fortes que você pode imaginar. Normalmente, isso é bom… Mas às vezes… – Neil comentou com Simon, que riu.

E nós pegamos a estrada com destino a Monterey.

*

– E aqui ficam os cães recém-chegados, que ainda precisam de algum cuidado. Às vezes, podemos colocá-los direto com os demais cachorros, mas geralmente eles precisam de um detox canino – disse a loira alta, sorrindo; ela fazia a apresentação soar inédita, embora obviamente já a houvesse realizado centenas de vezes.

Tínhamos completado o percurso até Monterey em pouco menos de duas horas, uma mudança bem-vinda em relação a viagens passadas. Sempre que Mimi estava presente nas viagens de carro, precisávamos parar a cada cinquenta quilômetros (era o que parecia, pelo menos) para fazer uma boquinha. Já em Monterey, o deslocamento até a Batutinhas, um centro de resgate para pit-bulls abandonados ou maltratados, fora bem rápido.

Sem conhecer muito sobre a raça para além das notícias que saíam nos jornais, eu não sabia bem o que esperar. Certamente não esperava que o lugar fosse comandado por uma ex-miss. Sophia me contara sobre Chloe e sobre como ela conseguira o trabalho, e, para alguém que estava administrando um negócio havia pouco mais de um ano, o resultado era impressionante.

– Cadê os filhotes? Eu quero filhotes! – disse Neil, praticamente saltitando pelo celeiro em que nos encontrávamos.

– Pode ficar tranquilo, Neil, eles estão no próximo espaço. – Chloe riu e deu um tapinha carinhoso no cachorro que a acompanhava.

Sammy Davis Jr. (considerando que meu gato se chama Clive, quem sou eu para julgar o nome que as pessoas colocam em seus animais de estimação, não é mesmo?) era dócil e encantador e, evidentemente, o mascote do lugar. Cada voluntário que estava trabalhando naquele dia parara para cumprimentá-lo.

– Quantas pessoas trabalham aqui? – perguntei a Chloe enquanto nos dirigíamos, assim eu presumia, ao espaço onde ficavam os filhotes.

– Em período integral, somos apenas três. Mas temos mais seis funcionários que trabalham meio período e, normalmente, dependendo da época do ano e da situação, de sete a dez voluntários, também em meio período. Além disso, a gente tem uma parceria com uma faculdade de veterinária, então sempre tem algum aluno fazendo estágio para conseguir créditos. E tem o meu namorado, o Lucas. Ele é veterinário e está sempre aqui.

– O meu primo Lucas, você quer dizer – Sophia a cortou.

– Não, o meu namorado Lucas – Chloe replicou, olhando-a de canto de olho e sorrindo para ela.

– Ele é meu primo.

– Ele é meu namorado.

– Cara, você é tão mais legal do que aquela ex dele! – Sophia exclamou no exato momento em que um homem muito atraente surgiu na nossa frente.

– Você está provocando a minha prima, Chlo? – ele perguntou, passando um braço sobre os ombros dela e puxando-a para si.

– Eu não tenho escolha, ela não me deixa em paz – Chloe falou prontamente, e Sophia lhe mostrou a língua. – Lucas, estes são Simon e Caroline, eles são amigos da…

– Eles são meus amigos, eu os apresento – Sophia interrompeu. Ela estava enchendo tanto o saco de Chloe que era óbvio que a adorava. – Estes são Simon e Caroline.

– Muito prazer, Caroline, Simon – disse Lucas, me cumprimentando com um aperto de mão e só depois cumprimentando Simon. – Estou sabendo que vocês vieram pegar um filhote.

– Oh, não, nós não! Esses dois aqui. – Simon apontou para Neil e Sophia. – Nós já temos quatro gatos, não damos conta de mais.

– Quatro gatos? Uou, impressionante! – Lucas falou, e nós entramos em uma área isolada.

E finalmente vimos… os filhotinhos. Tão fofos quanto prometido. Neil imediatamente se sentou no chão e se deixou ser escalado por uma onda gigante de meiguice.

– Oh, meu Deus! Esses carinhas são demais! – Neil gritou, deitando-se sob a pilha de rabinhos abanantes, que o apinharam, para seu total deleite.

Vendo-o rolar pelo chão, rindo que nem criança, tive uma súbita visão do tipo de pai que ele seria.

– Você sabe que nunca vai poder fazer o papel de boazinha com seu filho, né?

– sussurrei para Sophia, que balançava a cabeça, entretida com a cena.

– Oh, isso é bastante óbvio – ela falou, virando-se para mim com um sorriso no rosto. – Não tem problema, porque eu fico fantástica de mulher má.

– Vou ser obrigado a interrompê-las – disse Simon, juntando-se ao amigo na pilha de filhotes.

E, vendo Simon brincar com os cãezinhos, tive uma súbita visão dele rolando pelo chão de nossa casa, em Sausalito, soterrado por filhotinhos de gato e por bebês. Hummm, uma bela visão.

– Bem, é indiscutível que todos eles são adoráveis – falou Chloe, observando os dois homens adultos se esbaldando com um monte de cachorrinhos. – Alguma ideia de qual vão querer?

– Pai do céu, como é que se escolhe uma coisa dessas? – Sophia se agachou para pegar um rapazinho que farejava seu pé.

Rá! A escolha de Sophia… Mas eu mordi a língua e não soltei essa. Em vez disso, olhei para Simon, que sorria para mim carregado de filhotinhos.

– Não, nem pense nisso – falei, arqueando uma sobrancelha.

*

No fim, os filhotes escolheram por Sophia e Neil. Não um, não dois, mas três foram adotados. A fofura venceu o bom senso, e até Sophia se animou com a perspectiva de ter uma casa cheia de patinhas e pezinhos, tudo junto e misturado. A verdade é que eu nunca a tinha visto tão feliz. Ela continuava bravateira, durona e parecia manter Neil na rédea curta, mas era pura empolgação com o rumo que sua vida tinha tomado. A trinca canina era apenas mais um indício de que nossa ruiva de pernas longas estava sendo domesticada.

Todos nós estávamos nos aproximando a passos largos dos trinta, ficando mais sossegados, talvez, mas jamais parados.

Lucas e Chloe nos convidaram para jantar em sua casa. Neil e Sophia passariam a noite lá. Simon e eu tínhamos feito reserva em um hotel butique à beira-mar, e eu não via a hora de ser embalada pelo som das ondas. E não via a hora de Chloe me mostrar a casa surreal em que ela morava.

– Sério, essa casa é uma cápsula do tempo! Eu nunca vi nada assim! Você tem certeza que não contratou um designer de interiores para recriar 1958 aqui? – Eu estava de queixo caído diante de todo aquele kitsch.

– Certeza absoluta. Tudo aqui é autêntico, escolhido pelos meus avós e intocado por anos. Tudo bem que era uma casa pra passar férias, mas ainda assim fico impressionada com a conservação dela. Tudo está em ótimo estado.

– Sem exagero, eu poderia vender cada item desta casa pros meus clientes; todo mundo está atrás de coisas do meio do século. Jesus, aquilo é um rádio-vitrola? – perguntei, apontando para um largo aparador cuja tampa central estava aberta. Dentro, um toca-discos com cara de novo reluzia. Eu tinha mandado restaurar um parecido para um cliente, alguns anos antes, mas aquele era uma beleza. Design dinamarquês, com linhas planas, limpas; quando fechado, se passava por um simples bufê. Tudo o que eu tinha visto até então naquela casa era assim, cheio de detalhes impressionantes.

– Pode apostar. A gente ouve discos nessa coisa quase todo dia. Lucas, bota esse tremendão pra funcionar! – Chloe gritou, o que fez o namorado sair de trás do bar tiki.

– Deixa comigo, broto – ele respondeu, e um momento depois a característica e suave voz do sr. Dean Martin se derramava sobre nós. – Então, quem vai beber? Preparei alguns Zombies.

Duas horas mais tarde, eu tinha aprendido algumas coisas. Entre elas, que Zombie era um drinque letal. Não tome mais do que você aguenta – no meu caso, dois copos.

Nós desfrutamos um jantar no pátio e, depois que acabamos de comer a maravilhosa refeição que Chloe preparara, continuamos à mesa conversando e bebendo café, tentando combater os efeitos dos drinques tão deliciosos quanto fortes.

– Acho melhor pegar um pouco mais leve no álcool na próxima vez – Chloe disse para Lucas. – A gente está testando as receitas de um livro de coquetéis tiki, e alguns são bem mais alcóolicos do que outros – falou para o restante de nós.

– Especialmente os Mai Tais preparados por você – Lucas murmurou, e eu percebi que um rubor se insinuou no rosto de Chloe. – Prima querida, quando vocês dois vão juntar os trapos? Me dei conta de que a gente ainda não recebeu nenhum convite.

Sophia acariciou a barriga.

– Não sei ainda, mas vamos esperar pelo menos seis meses depois que este pivete nascer. Quero perder um pouco desse peso pra estar maravilhosa.

– Você vai estar maravilhosa de qualquer jeito – comentei.

– Maravilhosa como antes da gravidez, quero dizer. Sim, sou fútil. Tirei as palavras da sua boca, eu sei – ela falou.

– Você não é fútil. – Dei risada.

– Você é bem fútil – Chloe se intrometeu, sorrindo. Sophia ergueu sua faca e a deslizou vagarosamente diante da própria garganta. – Fútil e violenta.

– Estou te falando, eu adorei essa garota! – Sophia disse para Lucas, que jogou a cabeça para trás numa gargalhada. – Falando em casamentos – Sophia continuou, e minha mão se paralisou antes de alcançar meu Zombie –, quando vocês dois pensam em oficializar a coisa?

Minhas orelhas esquentaram, minha pele formigou, meus lábios começaram a se retorcer, e então notei que ela não estava olhando para mim, mas para Lucas. Meus pulmões se esvaziaram, e eu ergui o copo e tomei um grande gole de Zombie. Grande Gole de Zombie, que nome excelente para uma… Mas por que diabos eu tinha congelado? E daí se ela perguntasse quando Simon e eu iríamos nos casar? A gente se casaria quando a gente quisesse. Ué. Não?

Enquanto eu patinava por essa espiral mental de pânico, notei que Simon estava olhando para mim. Ele tinha percebido tudo e me conhecia bem o bastante para saber exatamente o que se passara na minha cabeça. Abriu um sorriso, consciente de que havia me pegado em flagrante. Revirei os olhos e tentei fingir que nada tinha acontecido, prestando uma atenção exagerada à conversa que seguira durante minha paralisia.

– Pera lá: então vocês não têm planos de se casar? Nunca? – Sophia indagou, olhando para Lucas e para Chloe, para Chloe e para Lucas.

– Vai com calma aí, pequeno gafanhoto. Não é da nossa conta – disse Neil, esfregando os ombros dela.

– Tudo bem, não tem problema. A gente não está planejando casar, pelo menos não em breve. Nós dois passamos por noivados com outras pessoas, por todo o processo de planejar um casamento, sabemos como é e estamos felizes com as coisas como elas estão – Lucas falou, inclinando-se para dar um beijo na bochecha de Chloe.

– É isso mesmo. Por que mudar algo que está dando certo? – concordou Chloe, inclinando-se para receber o beijo. – Nós dois ficamos noivos das pessoas erradas. Talvez um dia a gente decida juntar os trapos, mas não por enquanto.

– Eu não confio em uma mulher que não deseja usar branco – disse Sophia, e eu dei um tapa em sua mão.

– Eu uso branco direto. Seu primo aqui tem uma tara por espartilhos de renda branca – Chloe emendou.

– Informação dem…

– Sensacional! – Sophia e Neil gritaram ao mesmo tempo.

Enquanto a mesa enveredava para um papo sobre espartilhos, eu pensei no que Chloe tinha

dito. Se as coisas estavam dando certo, por que mudá-las? Evidentemente, estava funcionando para eles. E estava funcionando para mim e Simon também. Hummm…

*

Na varanda que se elevava sobre o oceano, eu observava o quebrar das ondas. Cada uma delas se iniciava suavemente, um pouco além do meu campo de visão na noite escura, e crescia devagar, inchando-se e movendo-se de modo implacável em direção à margem. Então, elas se empinavam – primeiro brancas em seu contorno, depois em toda sua dimensão conforme descaíam sobre si mesmas – e se quebravam contra as pedras, cobrindo de espuma cada rachadura, cada fenda. As incontáveis ondas seguiam seu curso inescapável. Todas principiavam da mesma forma; todas findavam da mesma forma. Uma vez após a outra, e assim, inexoravelmente, pela eternidade.

Ondas não eram capazes de corrigir a própria rota. Não podiam simplesmente decidir um dia: "Ei, acho que vou pro México hoje, ver o que tem por lá". A única possibilidade de se desviarem de seu caminho advinha da ocorrência de um evento descomunal. Furacão. Terremoto. El Niño. Caso contrário, elas se dirigiam à margem. É possível ajustar a hora a partir da maré. Definitivo. Inevitável. Era como era.

Divagações profundas. Embora normalmente seja difícil ter pensamentos fúteis quando se está diante do oceano, minha mente sempre parecia enveredar para lugares pesados, guinar para uma melancolia. Por que será?

– Amor, está um gelo aí fora, você não está com frio? – Simon gritou do quarto.

– Não, a brisa está gostosa – gritei de volta.

Seus passos se tornaram mais audíveis conforme ele se aproximava da porta de correr, que abriu completamente.

– Serião, um gelo.

– Serião, vem me esquentar, então. – Rebolei o bumbum levemente para ele. Em poucos segundos, havia dois braços em volta da minha cintura. Simon me puxou contra seu peito, as mãos circundando meus quadris, e eu me aninhei nele.

– Que gostoso.

– Concordo. – Senti seu hálito em meu cabelo, e seu nariz roçou meu pescoço.

– No que você está pensando, sozinha aqui?

– Só estou observando as ondas. – Deslizei minhas mãos sob as suas e as prendi com mais força em torno da minha cintura.

– Você nunca faz só isso, Caroline. Você está pensando em alguma coisa.

– Às vezes, eu só observo as ondas, sim. Olha que lindo – falei, abrangendo com um gesto o horizonte. As ondas, a praia, as incontáveis estrelas…

– Sim, é lindo mesmo. Mas eu sei que você estava pensando em alguma coisa.

Você estava suspirando de trinta em trinta segundos.

– Eu? – perguntei, surpresa.

– Você… É assim que eu sei que você está cismada com alguma coisa. Seus suspiros fogem

do controle quando tem algo errado.

– O quê? Como assim? – indaguei, me virando ainda entre seus braços para olhá-lo de frente.

– Você acha mesmo que, depois de todo esse tempo, eu não saberia quando há algo se passando nessa cabecinha? – ele falou, pousando um beijo em meu nariz.

– Me diz: o que está provocando esses suspiros na varanda?

Suspirei sem me dar conta, instigando o aparecimento de uma ruga em sua testa: Simon estava segurando uma risada. Encarei-o e revirei os olhos. Uma revirada apenas.

– Tá, sim. – Suspirei. – E tá, sim, talvez eu estivesse pensando em algo.

– E não vai me contar? – ele perguntou, e eu afundei meu rosto em seu peito.

– Oh, é assim? Não vai me contar mesmo?

– Não, não é isso. Eu não sei se estava realmente pensando em algo… Eram ideias muito vagas flutuando sem direção, não eram pensamentos de fato. Eram, tipo, pensamentos… adjacentes.

– Você está me enrolando! – Ele deu uma risadinha marota. – Tudo bem, vamos começar pelo pensamento adjacente. O que está pegando, gatinha?

– Você já contemplou as ondas e pensou: "E se uma onda quisesse tomar uma direção diferente"?

– Contemplar ondas? Já fiz. Atribuir pensamento a uma onda? Não fiz. Eu estaria mentindo se dissesse o contrário. – Ele me fitou com mais atenção. – Mas agora fiquei curioso. Que tipo de pensamento você acha que essas ondas teriam?

– Não são bem as ondas. É… a ideia de que elas não têm escolha. Elas têm uma única direção a seguir, e é isso, acabou. Todos os caminhos levam à praia.

– Nossa, que caminhos tenebrosos – ele provocou, e eu lhe dei um soquinho.

– Você perguntou no que eu estava pensando; era nisso que eu estava pensando. Não falei que meus pensamentos faziam sentido… Eles ainda não chegaram ao ponto de fazerem sentido – eu disse, e ele me envolveu com mais força.

– Garota do Baby-Doll, seus pensamentos fazem total sentido considerando a conversa no jantar de hoje.

– Hã?

– A sua cara de pavor quando achou que iam perguntar sobre a gente se casar. E agora você está aqui fora sozinha e preocupada com as escolhas das ondas. Não é tão difícil ligar os pontos. Eu não te conheci hoje, sabia? – Senti-o sorrindo contra meu pescoço; se era possível abraçá-lo com mais força, eu não teria como saber.

– Eu não fiquei em pânico; fui pega de surpresa, só isso. E aí, quando vi que não era sobre mim, sobre nós… Não sei, eu… Acho que eu não estava preparada pra responder essa pergunta.

– E se fosse eu perguntando?

– O quê? Como assim? – perguntei, erguendo o queixo para encará-lo. Seus olhos, de um azul profundo sob a luz da lua, me fitavam imperturbavelmente. Me analisavam em busca de uma reação. – Você não está me pedindo em…

– Não, eu não estou te pedindo em… Só estou pedindo pra você me dizer o que pensa sobre isso, de uma maneira genérica. Sem pânico, por favor.

– Não estou em pânico. Estou na mais perfeita calma – respondi, e então lhe exibi meu melhor tique facial.

– Que sexy, gata. – Ele soltou uma gargalhada.

– Você está perguntando o que eu penso a respeito de casar em um sentido genérico, ou de casar com alguém específico?

– Tanto faz. Os dois.

Eu me inclinei para trás para olhar bem para ele, suas mãos ainda em minha cintura.

– Eu acho que casamento em um sentido genérico é algo que aprovo. E também acho que a máxima "em time que está ganhando não se mexe" é válida. Parece estar funcionando para a Chloe e para o Lucas. Por outro lado – deslizei minhas mãos por seu braço e as entrelacei em sua nuca –, acho que casamento com alguém específico também é algo que eu aprovo… dependendo, claro, de quem seria esse alguém específico. Existe algum candidato?

– É possível – ele respondeu, lentamente me puxando para perto, para seu peito. – É bem possível.

– Esse candidato é alto? Charmoso? Encantador? Inacreditavelmente lindo?

– Sim para todas. – Ele anuiu com a cabeça, a expressão bem séria.

Sufoquei uma risada e fiquei na ponta dos pés para estalar um beijo sob sua orelha.

– Então, diga a esse meu noivo em potencial que, se ele quiser a minha resposta de verdade, vai ter que fazer a pergunta de verdade. Se não, tudo isso não passa de papo-furado em uma varanda. E eu já tive a minha cota de papo-furado hoje.

– E que tal sexo em uma varanda?

– Agora estamos falando a mesma língua. – Abri um sorriso, e suas mãos deslizaram pela minha lombar e se cravaram na minha bunda, trazendo-a para seus quadris. Quando seus lábios encontraram os meus em um beijo demorado, sem pressa, pensei sobre beijar aquele homem, especificamente ele, pelo resto da vida. Existiria algo melhor do que aquilo? Simon e eu, prestes a ficar pelados e safados… Nada superaria isso.

E então tive uma visão dessa cena se passando no futuro, mas, em vez de desabotoar minha camisa, Simon desabotoava meu espartilho. E, em vez de tirar a minha calça jeans, deslizava uma liga de renda azul[ii] ao longo da minha coxa. E, em vez de me chamar de Garota do Baby-Doll conforme sua língua serpeava do meu umbigo para baixo, me chamava de esposa.

Se ficou surpreso com o ímpeto que eu manifestei na varanda, ele não deixou transparecer. Apenas aproveitou. Duas, três vezes…

*

– Mas três mesmo? Sério, três?

– Vai ser divertido!

– Vai ser o caos! Como você vai dar conta de três filhotes mais um recém-nascido mais o Neil?

– Estou construindo meu ninho. Estou sob efeito dos hormônios.

– Você está sob efeito de uma psicose, isso sim.

– É outra possibilidade – Sophia admitiu.

Estávamos no banco de trás do Rover, no caminho de volta para San Francisco. De manhã cedinho, Simon e eu tínhamos passado na fazenda de Chloe para nos despedir dela, de Lucas e dos filhotinhos e para pegar Sophia e Neil. Os dois voltariam a Monterey dentro de um mês, mais ou menos, quando os cachorrinhos estivessem crescidos o suficiente para se separar da mãe e começar sua nova vida na cidade.

Por mais que tivesse me apaixonado pelos filhotes, eu achava que Sophia estava dando um passo maior do que as pernas com tantas mudanças em tão pouco tempo. Mas, como ela gostava de dizer, às vezes não havia problema em "calar a porra da boca e não encher o cacete do saco" e simplesmente deixar as coisas rolarem. Ainda assim, eu a chamei de psicótica.

– Falando em psicótica, tentei te ligar ontem à noite pra falar que estava passando Psicose na sessão da madrugada.

– Ah, é? – falei em um tom inocente.

– Te liguei três vezes.

– Eu estava fazendo outra coisa três vezes – contei, de modo a manter a conversa longe do ouvido dos meninos.

– Arrasou – disse Sophia, também de modo a não ser ouvida, enquanto me cumprimentava com um low-five furtivo.

– Toda aquela conversa sobre casamento no jantar de ontem me deixou meio em pânico, fiquei pensando em um monte de coisa. Mas ficou tudo bem. Acho que Simon está embarcando no bonde do matrimônio.

– Ah, você acha? Que bonde do matrimônio que nada; vem comigo no bonde da certeza absoluta: ele vai te pedir em casamento, vai por mim – ela falou, o que me fez imediatamente levar uma mão sobre sua boca.

– Tudo bem aí atrás? – Simon perguntou, olhando para mim pelo retrovisor.

– Tudo ótimo, e aí na frente? – eu disse monotonamente.

– Tudo perfeito! O Simon me deixou escolher a música! – Neil gritou, aumentando o volume do Def Leppard a um nível obsceno.

Alto o bastante, ainda bem, para abafar o que Sophia estava dizendo, mas também alto demais para que eu e ela continuássemos a conversa. Por isso, fizemos o que qualquer mulher adulta faria: passamos para as mensagens de celular.

Falou alto demais a história do bonde, sua prenha…

Menos óbvio do que vc gritar pra ele pedir minha mão.

A gente falou sobre isso ontem à noite. De um jeito mais concreto do que nunca.

Ah, vai, como se não fosse óbvio.

Foi vc que falou de bonde do matrimônio. Eu só mencionei o fato óbvio de que seu homem

uma hora vai querer fazer de vc esposa dele. DÃÃÃ.

Foi a primeira vez que a gente não pisou em ovos. A gente meio que pisoteou com força mesmo.

Sim, é emocionante. Mas não tem ninguém com aliança ainda, então baixa a porra da bola.

Eu amo ele.

Patético mesmo. Acho que é melhor a gente começar a conversar de novo... eles vão se perguntar o que a gente tá fazendo aqui atrás.

Mas a gente precisa voltar a conversar mesmo assim.

Não importa, qualquer coisa. Deixa comigo.

Ai, que emocionante!

Ai, para de ser exagerada, é claro que ele vai pedir sua mão.

Ele te ama. Tá, já tá ficando patético.

Até parece. Não tá ouvindo os dois cantando? Eles amam essa babaquice dos anos 80. Olha a felicidade deles.

Sobre o quê?

– Ouvi dizer que vão expandir a loja da Vera Wang na Geary, você ficou sabendo?

Como eu te odeio…

# CAPÍTULO TRÊS

A segunda-feira amanheceu comigo enfeitando com flores meu escritório, como de costume. Rosas cor-de-creme com as pontinhas tingidas de pêssego e framboesa. Unidas em espiral dentro de um límpido vaso de vidro, cercadas por folhas de hortênsia, que coroavam de verde os talos. O vaso estava posicionado no canto esquerdo de minha mesa de ébano, coberta de pilhas perfeitamente organizadas de pastas de papel manilha, todas identificadas por cor. Cada pasta pertencia a um lar, escritório ou espaço público diferente e continha estimativas de custo, projeções de valor, paletas de cores, amostras de tecidos e de materiais e referências estéticas. Cada uma contava a história de uma nova criação, de um sopro de vida em um espaço, fosse ele já existente ou novinho em folha. No entanto, hoje não era dia de soprar, e sim de sorver – sorver todas as novidades de Jillian, recém-chegada de Amsterdã.

Ela havia começado um pequeno negócio de consultoria em sua nova cidade, pegando um projeto de amigo aqui, outro ali, e parecia estar se adaptando bem à vida multinacional.

Mas agora estava de volta ao escritório principal e esperava ser colocada a par de tudo assim que pisasse nele. Embora sempre estivesse em contato por e-mail ou chamada de vídeo, quando voltava para casa, ela fazia questão de agarrar com unhas e dentes todo e qualquer projeto. Nós duas ainda estávamos nos adaptando a esse novo arranjo, mas ele vinha dando muito certo para ambas.

Tê-la de volta no escritório era ótimo; as coisas não eram as mesmas sem o clac-clac de seus saltos. Que eu agora escutei subindo as escadas, seguido das boas-vindas e dos cumprimentos de toda a equipe.

Saí da minha sala no exato momento em que ela pisou no corredor. Vestido preto sem mangas, botas over knee de couro de camelo com saltos impossivelmente altos, cabelo preso no coque chignon que era a sua marca registrada; ela estava elegante, maravilhosa e com uma cara ótima. E empolgada por estar de volta.

– Gata! Vem já aqui! – Jillian gritou, pousando a bolsa Chanel no chão e me puxando para um abraço perfumado.

– Como é bom ver você! – respondi, me lançando em seu abraço.

– Tenho presentinhos! – ela falou, me apressando até sua sala, que era limpa semanalmente durante sua ausência, para que nunca ficasse com cheiro de mofo ou de lugar abandonado. Isso seria inaceitável para nós.

– Você não precisa me trazer presentes toda vez que volta pra casa, sabe disso, né? – falei enquanto ela tirava algumas caixinhas de sua bolsa.

– Fecha a boca e abre isso! – ela instruiu, pousando uma caixa rosa em minha frente antes de se virar e se aproximar de seu aparato de chá, em um canto. – Sabe se temos…

– A água quente já está aí, acabei de encher. – Eu sabia que, assim que chegasse, Jillian iria querer uma xícara de chá.

– Você é a melhor.

– Já ouvi isso antes. E, puta merda!, onde você encontrou isso? – Ergui o par de brincos

pendentes. Repousadas em níquel escovado, havia contas em tons de rosa, pêssego, salmão, coral, fúcsia; todas as cores bafônicas em minha paleta favorita.

– Achei em uma lojinha minúscula em Roma e não resisti. Falei pro Benjamin: "São as cores da Caroline", e ele insistiu pra que a gente comprasse.

– Benjamin sempre teve uma quedinha por mim – provoquei, me referindo, na verdade, ao incontrolável estado de rubor que me tomava sempre que me achava na presença dele. Não só eu: Sophia e Mimi também tinham uma queda nada discreta pelo marido de Jillian.

– Experimenta logo os brincos e para de imaginar as diferentes maneiras como você poderia agradecer a ele. – Com um brilho no olhar, ela soltou uma gargalhada. – Eu reparei nas pastas na sua mesa. O que acha de me atualizar sobre tudo durante o almoço?

E, com isso, Jillian estava oficialmente de volta. Tudo estava em seu devido lugar.

Na maior parte daquela tarde, nosso trabalho se deu em uma mesa de canto em nosso restaurante favorito em Chinatown: colocamos os assuntos de trabalho em dia entre porções de arroz fumegante e fofocas de escritório. Mesmo lá do outro lado do mundo, Jillian não deixava escapar quase nada. Mas ainda havia alguns babados para contar a ela, e, conforme a gente tagarelava, eu ficava cada vez mais relaxada.

– Me conta tudo sobre o casamento! – ela falou quando terminamos de tratar de tudo o que havia para tratar sobre o escritório.

Eu congelei, os hashis a meio caminho da boca.

– O casa… o quê?

– O casamento! Mimi e Ryan!

Levei os pauzinhos à boca, mastiguei e fiz que sim com a cabeça.

– Ah, claro, esse casamento.

– Fiquei arrasada por perder, mas na época eu e Benjamin estávamos tão loucos com a casa em Amsterdã que foi impossível voltar. – Ela misturou seu molho de mostarda. – Aposto que foi perfeito, não foi? Cronometrado até os milissegundos?

– O que é menor do que um milissegundo? – Resfoleguei e voltei a atacar os guiozas. Meu coração estava acelerado. Que diabos estava acontecendo?

– Eu não esperava outra coisa. Ela ficou na função de cada detalhezinho, ou conseguiu relaxar e aproveitar?

– Ah, ela aproveitou, pode acreditar! Foi um dia fantástico, apesar do desastre de última hora com o vestido.

– O que aconteceu?! – Jillian sugou ruidosamente seu macarrão.

– A Sophia estava com um enjoo matinal terrível… Na real, matinal, vespertino, noturno, pós-noturno, pré-matinal. Veio de repente e voilà: bem no vestido da Mimi.

– Mentira!

– Quem dera. Mas você conhece a Mimi. Ela tinha um vestido só para a festa, que acabou usando na cerimônia também.

– Eu teria morrido.

– Qualquer um teria! Mas, segundo a Mimi, se as celebridades podem ter mais de um vestido de casamento, ela também pode. – Eu ri com a lembrança. – Ela ficou arrasada mesmo com as sandálias… Por não ter pensado em um plano B para elas.

– Meu pai do céu, a Sophia não…

– A Sophia sim! Um jorrinho de vômito acabou nos Choos da Mimi. Isso sim a fez perder a cabeça. Até que o Ryan apareceu; aí ela se derreteu toda.

Jillian me lançou um olhar de surpresa.

– Como assim "o Ryan apareceu"? Antes da cerimônia? Eu sempre achei que a Mimi fosse super-supersticiosa com esse tipo de coisa.

– Oh, e ela é. Ela se escondeu atrás da porta para que ele não a visse. Mas aí, ai, meu Deus, Jillian, foi a coisa mais fofa! O Ryan falou que não via a hora de se casar com ela, de chamá-la de esposa, e então… Sandálias? Que sandálias?

– Ounn! – Jillian deixou escapar um suspiro.

– Sim, graças aos céus, ela não ligou de se casar descalça. Caso contrário, a madrinha aqui teria que ter batido perna pela cidade inteira atrás de sandálias novas. – Soltei uma risadinha.

– Ela entendeu. – O olhar de Jillian se tornou compassivo.

– Ela entendeu o quê?

– Ela se deu conta de que não era a cerimônia que importava, e sim o matrimônio, o vínculo. Ela. Ele. Juntos. Ela se casou descalça porque a única coisa que importava era ele. Aquele cara. E não seriam sandálias vomitadas que impediriam aquilo de acontecer.

– De fato, ela parecia mais zen depois do que rolou – falei, recordando a expressão no rosto de Mimi. – E um pouco safada.

– Lembro bem como é. – Jillian tinha uma expressão nostálgica agora.

– Oficialmente, eu deveria dizer "aaargh". Mas, como estamos falando do Benjamin, não me poupe dos detalhes.

– Calada. Como estão as coisas entre você e Simon?

– Que sutileza para mudar de assunto. – Balancei a cabeça.

– Que sutileza para fugir do assunto. Como estão as coisas? – ela repetiu, caçando uma cenoura em seu prato.

– Não estou fugindo; as coisas estão bem. Muito bem. – Sorri ao pensar no sexo na varanda. E no sexo no corredor na noite anterior. E no sexo no banho naquela manhã. E…

– Pela sua cara, e pelo jeito como você está chupando esse rolinho-primavera, eu acredito que as coisas estejam muito bem – ela falou, contraindo os lábios.

– Você que perguntou.

– Eu que perguntei, não posso negar. Então… Amigos se casando, amigos tendo filhos… Isso tudo tem despertado algo dentro de você?

Apontei meu guioza para ela.

– Por acaso, tem uma placa nas minhas costas com os dizeres "Troco meus serviços por

casamento”? Por que todo mundo tem me perguntado isso?

– Sério? Todo mundo tem te perguntado isso? – Foi a vez dela de apontar seu guioza para mim.

– Tá, não todo mundo. Mas parece que só se fala disso ultimamente. Sério, está no ar. Está na água. É bem possível que esteja nesse guioza.

– É aquela época da vida… Seus amigos estão entrando em uma nova fase. Quando meus amigos começaram a se casar e formar família, eu estava ocupada demais pra namorar. Minha vida se resumia ao Jillian Designs. Em cada casamento que eu ia, todo mundo me perguntava quem eu estava namorando, quando planejava me casar. É tipo: se uma se joga do penhasco, todas temos que nos jogar. – Ela bebeu seu chá e encolheu os ombros. – Desculpa, não era minha intenção te empurrar desse penhasco.

– Você não fez isso. Acho que demorei pra me dar conta de que as coisas estão mudando, só isso. É que a gente ainda é tão ridículo e imaturo às vezes… Fica difícil pensar que a Sophia e o Neil vão, tipo, ser responsáveis por uma pessoa agora. Uma pessoinha minúscula, mas, ainda assim, uma pessoa. – Com dificuldade para expressar o que eu queria dizer, apoiei a cabeça nas mãos. – Sei lá, acho que é bizarro que todo mundo esteja ficando velho.

– Ei. Ficar velho não significa ficar maduro. Neil, por exemplo, nunca vai ficar maduro. E ele aparece no noticiário, cara! – Jillian gargalhou.

– Você se arrepende de ter dedicado tanto tempo?

– Como assim?

– Naquela época, quando estava começando seu negócio. Se pudesse voltar no tempo, você teria preferido se casar mais cedo?

– Depende.

– Do quê?

– Se eu teria conhecido Benjamin mais cedo. Eu não pensava em me casar até conhecê-lo. E a gente demorou um tempão pra casar. Mas eu sabia que iria acontecer. Porque ele era o cara para mim. E felizmente eu tive a sabedoria de esperar pelo meu cara. – Ela sorriu para mim de uma maneira sugestiva. – Você não acha que Simon é o seu cara?

O sorriso que se espalhou em meu rosto foi instantâneo – e amplo.

– Oh, Simon é o meu cara, não há dúvida.

– Então relaxa. E aproveita. Se dedica ao relacionamento de vocês dois e deixa seus amigos seguirem o caminho deles. Casamento significa coisas diferentes para diferentes pessoas, e nem todo mundo tem necessidade de casar. Algumas pessoas desejam aquele pedaço de papel, outras não precisam dele. Quem tem o direito de julgar o que é certo? Eu não, isso eu garanto. – Ela terminou de beber seu chá e fez um sinal para o garçom. – Agora, se você quer saber o que é certo quanto à escolha do sofá para a nova sala de cinema da Peggy Wimple, isso eu posso dizer com prazer. Porque você errou feio, queridinha. – Ela riu e espalmou sobre a mesa uma folha de um projeto cujo sofá eu havia acabado de encomendar. – Vou te mostrar por que o nome do escritório é Jillian Designs.

E foi o que ela fez. E, quando terminou, eu não tive opção senão concordar.

*

Em casa, alguns dias depois

– Amor, onde foram parar os minilápis?

– Você sabe que essa frase nunca foi pronunciada antes, não sabe, Simon?

– Os lapisinhos que vieram com o Scattergories, sabe? Cadê?

– Ah. Então, acho que a Mimi quebrou todos na última noite de jogos. Você sabe que ela é uma péssima perdedora.

Nós iríamos receber nossos amigos para uma noite de jogos, para aproveitar que Jillian e Benjamin estavam de volta de Amsterdã. Sabíamos que esses encontros se tornariam mais raros depois que o bebê de Soph nascesse e, por isso, queríamos reunir o pessoal enquanto ainda era possível.

– Por que sempre sobra pra gente organizar a noite de jogos? – indagou Simon, cuja cabeça despontou à porta do banheiro, onde eu tentava me aprontar.

– Porque nós temos a maior casa agora, o melhor espaço. Por isso. – Apliquei meu rímel.

– Você fica parecendo um peixe.

– Huh?

– Quando passa rímel. Sempre que te vejo passando isso, você abre um bocão e fica parecendo um peixe prestes a morder a isca. Por quê, hein?

– É a única maneira que existe de aplicar rímel.

– Por quê?

– Ninguém sabe, Simon; é simplesmente algo que a pessoa faz quando aplica rímel.

– Tipo uma lei?

– Para de falar comigo quando eu estou parecendo um peixe e me deixa ficar bonita, pelo amor de Deus! – gritei, e ele desapareceu no corredor.

Terminei de aplicar o rímel – e até tentei fazê-lo com a boca fechada, mas não era possível, ponto-final – e estiquei o braço para alcançar o gloss quando a cabeça de Simon surgiu novamente no vão da porta.

– Ah, fomos convidados pra Filadélfia.

– A terra dos cheesesteaks? Não importa o motivo da viagem, a nossa resposta é sim!

– Sim para os cheesesteaks, ou sim para o convite?

– Eu não estava brincando quando falei que nossa resposta era sim independentemente do motivo. Mas, agora que você perguntou, para o que fomos convidados? – Torci para que ele não reparasse que a babação havia oficialmente começado.

– Trevor, meu amigo do colégio, sabe? Você lembra da esposa dele, Megan, não lembra?

– Você está me zoando, né?

– Como assim? – ele perguntou, me fitando de um jeito curioso.

– Graças à Megan, eu consegui o item mais valioso que existe nesta casa.

– Foi ela que te deu o vibrador novo?

– Jesus…

– Ah, o livro de receitas, claro…

Megan, que tinha trabalhado no Food Network, me arranjara uma cópia autografada do livro de receitas da Condessa Descalça. Autografada pela Ina Garten. Dedicada a mim, veja bem; com votos de felicidade. Juro por tudo o que há de mais sagrado que estava escrito:

Para Caroline Felicidades, Ina

Pode morrer de inveja, eu aguardo. Já Simon, não:

– Certo, então você lembra da Megan.

– Lembrar? Eu disse item mais valioso…

– Eu entendi, amor. Você não quer saber o que eles estão planejando? Ou vai ficar aí sonhando acordada com Ina e a cozinha dela?

– E eu. Na cozinha dela. Se você vai invadir meus sonhos, vamos pelo menos estabelecer o cenário correto. Eu e Ina estamos na cozinha dela, em sua casa nos Hamptons, cozinhando algo maravilhoso pra você e pro Jeffrey. Algo com frango assado, que ela vai me ensinar a cortar lindamente para servir. E cenouras assadas, que ela pronunciará com seu sutil sotaque nova-iorquino.

– Às vezes eu fico um pouco preocupado com você. – Simon esticou o braço para sentir a temperatura em minha testa.

– Eu estou ótima. Não se preocupe comigo, vou continuar minha fantasia mais tarde. E aí, o que vai rolar na Filadélfia?

– Oh, podemos tratar do meu assunto agora?

Eu me aproximei dele e lhe dei um beijo para me desculpar.

– Perdão, amor, me conta tudo sobre o Trevor e a esposa maravilhosa dele – falei.

Apesar da provocação a Simon, eu gostava mesmo dos dois. Em seu reencontro de dez anos de formatura, ao qual eu o acompanhara, Simon fora recebido como um verdadeiro herói. Ele não voltava à Filadélfia desde o fim do ensino médio, mais ou menos a mesma época em que seus pais faleceram em um acidente de carro. Nenhum de seus antigos amigos o via desde então, e, embora estivesse nervoso com a recepção que teria, Simon logo se convenceu da empolgação de todos por vê-lo de volta. No colégio, ele fora coroado rei do baile e tudo mais. Era o cara no colegial; tinha até sua própria gangue, composta de seus velhos parceiros Matthew, Mark, Luke e John e por seu melhor amigo,

Trevor – carinhosamente apelidados por mim de apóstolos. Simon e eu havíamos passado boa parte do reencontro de formatura com Trevor e sua esposa, Megan, que na época estava grávida do primeiro filho deles.

– E eles estão curtindo a nova vida com um bebê? – perguntei.

– Tanto que ela está grávida de novo – disse Simon, o que me fez deixar o gloss cair.

– Mas o que estão colocando na água hoje em dia? A partir de agora, só bebo vodca. Sempre.

– Apoiado. Vodca te deixa louca. E com tesão. E mais aberta a novas experiências. Se você

começar uma dieta só de vodca, talvez eu consiga te convencer a tentar aquilo que você nunca me deixa fazer.

– Nem toda vodca do mundo vai fazer isso, Simon. Pode esquecer. – Eu o cutuquei com o gloss, e Simon fez uma careta de decepção. – Então quer dizer que a Megan está grávida de novo… Uau! Manda meus parabéns pra eles.

– Foi por isso que essa conversa começou... Eles convidaram a gente para o batizado do bebê número um e para celebrar o bebê número dois. Vai ser no mês que vem; acha que consegue uma folga?

– Para comer cheesesteak? Digo, para o batizado? Sim, a gente tem que ir! – Quando eu finalmente fui passar o gloss, a campainha tocou. – Que ótimo, alguém está adiantado. Pega uns lápis coloridos na minha bolsa.

– Pra quê?

– Scattergories.

– Ah, é! – Simon desapareceu no quarto.

Sozinha enfim, passei o gloss e me distraí com pensamentos sobre Megan e Trevor. Dois filhos em dois anos. Antes de se casar, Megan vivia a todo vapor com seu trabalho no Food Network, um trabalho, em muitos sentidos, dos sonhos. Mas ela desejava ter uma família e conquistara isso. E agora vivia a todo vapor com bebês. Em vez de produzir tábuas de queijos artesanais cenográficas e tornar carolinas visualmente mais apetitosas do que elas já são, Megan estava limpando catarro e pisando em chocalhos.

Fui acometida pela visão de Simon pisando em um chocalho roubado e deixado no caminho por Clive e deixei escapar uma risadinha. Havia bebês por todos os lados e nenhuma vodca à vista. Terminei de passar o gloss, tampei o tubo com um clique e respirei fundo. Afastei os pensamentos sobre chocalhos e me deliciei brevemente com fantasias que envolviam cheesesteaks, antes de ser interrompida pelo grito de Simon:

– Os idiotas chegaram!

Hummm, ele poderia estar se referindo a muitas pessoas; nós conhecíamos um monte de idiotas. Era hora de acabar com certos idiotas no Scattergories…

*

Como de costume, a noite de jogos terminou com uma surra. As garotas levaram um enorme pau dos meninos. Sim, eu tenho perfeita consciência do duplo sentido dessa frase. Mas foi o que aconteceu. A gente tomou um pau grande e grosso no Scattergories. E no Pictionary. Interpol bem poderia passar a ser chamado de Interpau. Enfim, os garotos ganharam de lavada. Mais tarde, porém, quando todos já haviam ido embora e minha saia se achava na altura das minhas orelhas conforme Simon dava em mim sua volta olímpica (sacou, sacou?), tudo estava em seu devido lugar.

# CAPÍTULO QUATRO

A transmissão a seguir foi originalmente ao ar na KNTV, afiliada local da NBC de San Francisco…

– Olá, telespectadores! Eu sou Neil e falo ao vivo do Levi's Stadium, onde o 49ers enfrentará o Seattle Seahawks, seu maior rival na conferência oeste. Nós vamos acompanhar cada jogada do embate entre esses dois grandes times, mas, antes que eles pisem no gramado, há outra rivalidade em disputa, uma tão acirrada quanto a que veremos dentro do estádio. Estou falando, claro, do carroceirão, nosso tradicional churrasco na porta do estádio!

"Salsicha ou linguiça? Pão de cachorro-quente ou pão francês? Quem vai decidir isso são esses dois torcedores, que, comigo, vão provar o melhor da culinária de porta de estádio! Sem mais encheção de linguiça, eis os competidores: deste lado, temos Marcus O'Reilly, nascido na região da baía e um fervoroso defensor do cachorro-quente! De acordo com ele, não há nada como devorar um bom cachorro-quente enquanto se assiste a uma partida de futebol americano, não é mesmo, Marcus?"

– Pode apostar, Neil! Um dogão deixa qualquer linguiça no chinelo!

– Duras palavras, Marcus! Já, já, nós cairemos de boca nessa salsicha para saber! E deste lado temos Angus Wheelwright, um entusiasta da linguiça e, segundo me consta, campeão amador de kickboxing. É isso mesmo?

– Isso mesmo, Neil! E estou aqui para provar que minha linguiça dá uma surra em qualquer cachorro-quente! Vai encarar, Salsicha?

– Opa, opa, cavalheiros! Vamos com calma com as provocações!

Lembrem-se que estamos aqui para saborear uns salsichões deliciosos antes do jogão e… Perdão, pode repetir? Senhoras e senhores, peço desculpas, mas acabo de receber do estúdio uma notícia urgente sobre… um bebê e um parto… partida? Trabalho do quê? Não é melhor voltarmos ao estúdio para essa história de última hora? Calma aí, quem está em trabalho de parto? Sophia… A minha Sophia?! Estou a caminho, estou a caminho! John! Joga a chave do caminhão! Joga a chave, eu vou…

Neste momento, o áudio é cortado e a câmera se afasta para enquadrar dois confusos entusiastas da charcutaria, três confusos técnicos da equipe do noticiário e uma legião de torcedores loucos para aparecer na TV, todos observando o caminhão de transmissão da KNTV que desembesta rumo à rampa de acesso à rodovia, conduzido por um comentarista descontrolado. A última imagem antes da queda do sinal mostra o comentarista gritando pela janela para os outros motoristas: "Me deixem passar, é uma emergência!", "Saiam da frente, pelo amor de Deus!" e "Meu bebê vai nascer! Iaahooooooo!".

*

– Você está assistindo de novo?

– Não consigo parar. Literalmente não consigo. É sensacional demais.

– É bem bom mesmo. Quantas visualizações já tem? – perguntou Simon.

– Hummm, deixe-me ver… Jesus Cristo, já passou de trinta mil! – Atualizei a página e vi o

número de visualizações aumentar novamente.

A descoberta de Neil, em plena transmissão, de que Sophia estava em trabalho de parto viralizara no YouTube em questão de horas. O vídeo fora postado minutos depois de ir ao ar na região da baía, e na cidade não se falava em outra coisa. Mimi e eu já estávamos a caminho do hospital quando o incidente fora transmitido ao vivo, pois Sophia tinha nos mandado uma mensagem de texto.

Sem conseguir falar com o marido, ela entrara em contato com o produtor dele, que inadvertidamente começara a falar no ouvido de Neil durante a transmissão. Incapaz de fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo mesmo em situações menos graves, Neil quase nunca recebia comentários durante suas entradas ao vivo; ele tinha muita dificuldade de se concentrar quando o homenzinho no estúdio de repente se transformava no homenzinho dentro de sua cabeça. Entretanto, sabendo que Sophia estava em trabalho de parto, o produtor decidiu correr o risco.

E o resultado estava aí para o mundo inteiro ver. O sequestro do caminhão da emissora durante a contenda entre salsicha e linguiça tinha se tornado uma pérola do humor. Felizmente, Neil era tão amado pelos telespectadores que o canal não recebera outra coisa senão uma avalanche de e-mails e ligações com mensagens de felicidade para ele e Sophia.

Enquanto isso, eu, Simon, Mimi e Ryan aguardávamos no hospital. E eu não conseguia parar de ver o vídeo.

– Tipo, ele é uma verdadeira estrela da internet agora! – falei com entusiasmo, atualizando a página mais uma vez. – E já chegamos a trinta e cinco mil visualizações! Que loucura!

– Só nós fomos responsáveis por quantas? – perguntou Ryan, que assistia em seu celular.

– Pelo menos umas cem – falou Mimi, assistindo em seu iPad.

Simon, que estava sentado ao meu lado, de repente se levantou, caminhou até o posto de enfermagem e espiou o corredor onde ficava a sala de parto. Depois, voltou a se sentar.

– Relaxa, amor, quando houver alguma novidade, nós vamos saber – falei.

– Eu sei, eu sei – disse Simon, olhando novamente na direção do posto de enfermagem. – Ela está adiantada de quantas semanas?

– Só uma. Está tudo certo. – Peguei sua mão e a pousei em meu colo.

– Oh, eu sei, eu sei. – Ele apertou minha mão. – Vou pegar um café. Quer alguma coisa?

– Não, obrigada, amor. Vai lá. Leva o Ryan.

Ele fez que sim com a cabeça, apertou minha mão novamente e então seguiu para a lanchonete junto com Ryan. Mimi se sentou no chão à minha frente e apoiou as costas em minhas pernas.

– Mexe no meu cabelo – ordenou, desfazendo o rabo de cavalo e balançando a cabeça para espalhar os fios. Eu passei meus dedos para dividi-los e fazer uma trança; ela adorava que fizessem tranças em seu cabelo. – O Simon parece preocupado.

– Sempre que tem alguém no hospital, ele fica agitado. Acho que ele nem percebe – falei, sem tirar os olhos da porta pela qual ele e Ryan haviam saído. – Ele vai voltar ao normal assim que a gente tiver notícias da Mama.

– É muito louco. Tipo, de manhã a Sophia era só a Sophia. Agora, quando o dia acabar, ela vai ser mãe de alguém.

– Talvez já seja.

– Caralho, é mesmo! – Mimi cruzou as pernas e empertigou a coluna. – Eu sempre achei que seria a primeira a ter filhos.

– Todas nós achamos. – Dei uma risadinha, passando uma mecha de cabelo sob um dedo e depois por cima do seguinte, formando uma trança.

– Eu contei que a gente está tentando?

– Porra! Não! Desde quando?

– Parei de tomar pílula logo depois da lua de mel, basicamente. Primeiro nós pensamos em esperar, mas depois conversamos e percebemos que nós dois queremos começar uma família agora. Aí a gente decidiu meter a cara mesmo. – Ela virou o rosto para me olhar por sobre o ombro. – E a gente está metendo, viu?

– Essa é minha garota! – falei, esticando suas novas tranças.

– Eu não queria falar nada antes de ela ter o bebê, sabe? Não queria roubar os holofotes pra mim.

– Acho que não dá pra roubar os holofotes quando, tecnicamente falando, você não tem o que apresentar pro público.

– Fato. – Mimi se virou, pois os rapazes tinham voltado.

– Alguma novidade? – perguntou Ryan, que carregava uma bandeja de café para viagem. – Pegamos pra vocês também, caso mudem de ideia.

– Nada ainda – falou Mimi, levantando-se de um salto para pegar um copo. – Vem, vamos olhar os bebês naquele aquário de bebês. – Ela pegou o marido pela mão, e ele passou a bandeja a Simon.

– Como você está? – perguntei enquanto ele me passava um café antes de se sentar na cadeira ao lado.

– Eu? Estou bem, por quê?

Fitei suas pernas, que sacudiam nervosamente.

– É, um pouco agitado, acho.

– Eu sei. – Soltei um suspiro e apoiei a cabeça em seu ombro.

Permanecemos por um instante em silêncio – ou no que se pode chamar de silêncio em uma sala de espera de hospital.

– Eu odeio hospitais – ele comentou, e eu concordei com a cabeça, ainda apoiada nele. – Simplesmente odeio. Mesmo quando as notícias são boas, como eu sei que serão, odeio estar dentro de um hospital.

– Posso imaginar – sussurrei e entrelacei meu braço no seu.

Simon não falou mais nada. Nem precisava. Eu continuei ao seu lado, com a cabeça em seu ombro. Alguns minutos depois, Mimi e Ryan voltaram. E, alguns minutos depois disso, Neil, com um avental médico e um sorriso de orelha a orelha, contornou o posto de enfermagem.

– E aí, vocês querem conhecer minha filha?

*

Mary Jane: dois quilos e oitocentos, quarenta e nove centímetros. Pequenininha e rosinha, com dez perfeitos dedos nas mãos e nos pés. E uma garganta poderosa.

Nós não ficamos muito, já que o quarto estava abarrotado de avós. Mas ficamos o bastante para ver Sophia e a bebê. Cada um de nós teve a chance de segurá-la; cada um de nós deu um abraço em Neil, que não parava de chorar. A palavra "cara" foi dita muitas vezes, muitos tapinhas nas costas e semiabraços foram dados. Quando nós quatro finalmente deixamos os novos papais, estávamos exaustos. Não tão exaustos quanto Sophia, mas, ainda assim, cansados.

Eu e Simon demos boa-noite (bom-dia, na verdade) para Ryan e Mimi e seguimos pela ponte até Sausalito. O céu estava começando a clarear: um cinza um pouco mais claro se insinuava. Simon, que tinha estado superanimado no hospital, estava bem quieto agora. Ele segurara Mary Jane no colo por tanto tempo quanto lhe permitiram. E foi tão carinhoso e fofo com ela! Estava receoso, claro, mas disposto a tentar. Se meus olhos se encheram de lágrimas? Oh, pode apostar que sim. Simon? Segurando uma bebezinha no colo? Foi como se uma bomba de fofura tivesse explodido dentro de mim. E cá estava ele agora, quieto. Pensativo.

Abri a porta de casa e me preparei para o ataque aos meus tornozelos. A primeira foi Norah, nossa linda malhadinha; sempre a primeira a nos cumprimentar, ela correu até mim e imediatamente se deitou sobre o peito do meu pé, rolando de um lado para o outro, feliz com o retorno dos seus humanos de estimação. Poucos segundos depois, Ella desfilou até nós, comprida, esguia, fabulosa; foi direto para Simon, como sempre. Era uma gata adepta da monogamia, não havia dúvida; me tolerava, se tanto, mas amava Simon. Percutindo a escada, um degrau por vez, surgiu Dinah, miando e ronronando a plenos pulmões como se dissesse: "Olá, onde os senhores estavam? Por que saíram? Aliás, por que alguém sairia daqui?".

– Oi, minhas fofas, como vocês estão? Sentiram saudades da gente? – arrulhei, pegando no colo Norah e Dinah, enquanto Ella se encaixou nos braços de Simon como se pertencesse àquele lugar. E no patamar achava-se Clive. Calmamente lambendo as patas e observando a cena com um terno desinteresse.

Quando Clive fugira, no ano anterior, eu e Simon ficáramos devastados. Clive ficou desaparecido por semanas, e, embora nós não tenhamos encerrado a busca em nenhum momento, fui obrigada a admitir com o passar do tempo que as chances de seu retorno eram cada vez menores. Até que, uma noite, para nossa surpresa, ele surgiu tranquilamente no quintal de casa, de volta para nossas vidas. E não estava sozinho. Não, não! Meu menino tinha estado ocupado se engraçando com metade da cidade. Clive trouxera com ele não uma, não duas, mas três namoradinhas. Se parecera ridícula na época, a ideia de adotar mais três gatos havia se provado maravilhosa. Agora Clive tinha seu harém, e eu e Simon tínhamos três personalidades a mais para nos manter entretidos. E entretenimento não nos faltava.

– Está com fome? Posso cozinhar alguma coisa – ofereci conforme todos nós nos dirigíamos à cozinha. Inclusive Clive, serpeando pelos meus calcanhares em seu típico cumprimento.

– Acho que não – respondeu Simon, o olhar perdido através da janela que dava para a baía, ainda com Ella no colo.

– Ok. Vou tomar um banho rapidinho antes de deitar.

– Ok, amor.

Antes de subir a escada, me aproximei dele e sussurrei:

– Te amo. – E pousei um beijo em seu pescoço.

– Te amo.

Deixei-o a sós com seus pensamentos, quaisquer que fossem eles. Eu tinha aprendido durante minha relação com Simon que, às vezes, quando acontecia algo mais emotivo – como hoje –, ele precisava de um momento sozinho, introspectivo. Simon conversaria comigo quando estivesse disposto a conversar comigo.

Me arrastei escada acima, alinhando um quadro no caminho. A gente que vive no norte da Califórnia não sente todos os tremores de terra, mas o fato é que sempre estou arrumando os quadros nas paredes. Ao entrar no quarto, suspirei, como sempre fazia ao botar os olhos nele. Macios tapetes se esparramavam sobre o maravilhoso piso de madeira escura, tufosas cortinas de linho pendiam do varão que encimava as janelas com vista para a baía e, mais ao longe, para San Francisco. Chutei meus sapatos para longe, tirei a roupa e caminhei até o banheiro, onde liguei o chuveiro e deixei o vapor embaçar o vidro. Bocejei enquanto escovava o cabelo para tentar tirar a maior parte dos nós antes de molhá-lo. Talvez eu devesse tirar o dia de folga, ficar na cama. Estava acabada.

Ouvi os passos de Simon na escada e gritei:

– Estou entrando, amor, caso queira me acompanhar! Para economizar água, claro. Só por isso.

Ri baixinho ao escutar seus passos se acelerando e entrei no banho antes que Simon entrasse no banheiro. Sob o jato de água, de olhos fechados, deixei que a água quente escorresse sobre meus músculos fatigados. Ouvi o burburinho de suas passadas no quarto, o leve baque de seus sapatos contra o chão, o tinido de seu cinto, o range-range de seu jeans. Ouvi, mais além de todo o vapor, o clique da porta do box e sorri sob a água, levando as mãos aos cabelos e arqueando as costas de uma maneira bastante específica. Eu estava cansada, sim. Mas não cansada demais, nunca, para suas mãos e sua boca e tudo mais que ele tinha para me dar. Por isso me arqueei. E esperei. E me arqueei mais um pouco. E continuei esperando. De debaixo da água, espiei: ele estava ali parado. O olhar se derramava sobre mim, a boca pronta… e tensa.

– Amor? – perguntei, me aproximando e entrelaçando as mãos ao redor de seu pescoço, ao mesmo tempo que suas mãos escorregavam por minha cintura e seus dedos apertavam minha pele. – Está tudo bem?

A água se derramava sobre nós, molhando sua pele, que deslizava contra a minha dentro da nuvem que o vapor criava especialmente para nós. O chuveiro desapareceu, o mundo inteiro desapareceu, Simon e eu éramos agora o centro desse mundo. Seus lábios se abriram e, molhados por uma veia de água, se tornaram irresistíveis aos meus. No entanto, antes que minha boca alcançasse a sua, ele falou:

– Casa comigo.

Uma declaração, uma afirmação. Não uma pergunta, não um pedido. Que se repetiu:

– Casa. Comigo. – Seu olhar faiscava contra o meu.

Eu inspirei o ar, um zunido no ouvido. Meu pulso se acelerou, meu coração retumbou, eu tentei lembrar a mim mesma como se respirava. Estava molhada, estava engasgada de emoção.

– Eu quero você. Eu quero aquilo, quero o que eles viveram hoje. Quero tudo, quero tudo com você. Quero você, quero que você seja minha esposa. Comprei uma aliança, eu te dou agora mesmo se você disser que sim. – A cada palavra, suas mãos se enterravam mais e mais em meus quadris, desesperadas, descontroladas, ávidas. – Eu tinha planejado outra coisa, muito mais sutil, romântica e tudo mais que você merece. Mas minha cabeça está a mil desde ontem, desde que vi meu melhor amigo roubando um caminhão para estar com sua nova família. E tudo que eu quero, tudo que eu sempre quis, é exatamente isso. Exatamente você. E, subindo aquela escada e ouvindo o barulho da água e sabendo que você estava aqui, nua, molhada, esperando por mim, eu senti que não podia esperar nem um dia a mais, nem uma hora a mais, nem um minuto a mais pra te pedir em casamento. Então. Casa. Comigo.

Ele se ajoelhou. Deus do céu, ele se ajoelhou no chão do box, onde se ajoelhara incontáveis vezes antes (uhummm…), pegou minha mão e repetiu aquelas palavras – enfim, com uma interrogação ao final:

– Casa comigo?

E nesse momento eu me dei conta de que as preocupações, as mãos retorcidas, os bloqueios mentais, as indagações sobre o que era certo para cada casal, se era cedo demais, quando era o momento certo, em time que está ganhando blá-blá-blá, de que foda-se tudo isso. Não importava o que era certo para outros casais, importava o que era certo pra gente. Para Simon e eu. Porque, quando o Trepador de Paredes se ajoelha à sua frente e te pede em casamento, você não precisa pensar muito para responder, simples assim.

Fato curioso sobre ser pedida em casamento durante o banho: não dá para saber o que é água e o que é lágrima.

Eu falei sim, ele me beijou. Eu falei sim, ele me envolveu. Eu falei sim, ele me penetrou. Eu falei sim, sim, sim, ele me amou.

Depois, me carregou até nossa cama, tirou do seu criado-mudo uma aliança e a colocou no quarto dedo da minha mão esquerda. A aliança era brilhante, perfeita e maravilhosa e combinou com a minha mão cravada nas costas de Simon enquanto ele se impelia contra mim mais uma vez.

– Eu não acredito… que você… me pediu… em casamento… – ofeguei enquanto ele metia com força.

– Pode acreditar, amor – ele murmurou, virando-nos para que eu ficasse por cima.

– Eu não acredito… no quanto… sou sortuda… – ofeguei, encontrando meu ritmo.

– Errado. – Ele se sentou sob mim, mergulhando ainda mais fundo dentro do meu corpo. – Eu sou o sortudo aqui.

Eu arquejei, ele gemeu, e meus quadris ficaram descontrolados.

– Eu não estou acreditando… que você vai ser… Simon… Reynolds… Sim, isso fez com que ele me virasse de novo.

*

No café da manhã, preparei ovos mexidos para o meu noivo. Você acredita? Não estou me referindo aos ovos mexidos, embora eles estivessem inacreditavelmente bons. Um velho truque da Condessa Descalça. Bata os ovos com algumas colheres de creme de leite, despeje a mistura em uma frigideira untada com manteiga e mexa devagar sobre fogo baixo. Ovos perfeitos, sempre. À la Ina. À la aliança brilhante. À la diamante de dois quilates e meio lapidado em forma de almofada, em aro de platina. Eu não conseguia parar de olhar para ele. Joguei uma pitada de sal kosher nos ovos. E fui arrebatada pela aliança: ela ficava linda com o rótulo da embalagem de sal ao fundo. Adicionei um pouco de pimenta-do-reino moída na hora. E admirei o fato de que a aliança refletia a iluminação de modo a formar pequeninos arco-íris no balcão.

Abri cada um dos armários e cada uma das gavetas na cozinha para ver como a aliança ficava em contraste com cada superfície. Como qualquer um faria, não?

– Não consigo parar de olhar para a aliança – confidenciei a Simon enquanto servia seu prato e um copo de suco de laranja recém-espremido. Eu tinha feito questão de espremer porque queria ver como a aliança ficava quando minhas mãos estavam… apertando o botão de ligar do juicer.

– Também não consigo parar de olhar para ela – Simon admitiu, me puxando para seu colo e me dando um abraço.

– Que fofo, amor.

– Normalmente eu estou olhando pros seus peitos, e essa história da aliança está me privando disso.

– Que doente, amor.

– Você já contou pra alguém?

– Ainda não tive tempo. Não parei de trepar com meu noivo desde então.

– Isso é definitivamente a coisa mais sexy que você já me disse.

– Sério? Mais do que quando falei pra você chupar a minha deliciosa…

Ovos mexidos são bons por outro motivo também: são fáceis de fazer de novo caso a primeira porção esfrie.

Algum tempo depois, deitados sobre a mesa da cozinha, ouvimos o retinido de um prato se espatifando no chão.

– Vou cobrar por esse prato – falei.

– Vou cobrar por aquele orgasmo. Outro prato quebrado.

– Oops. Foi mal, hein – eu disse, nada arrependida.

– Eu quebrei aquele prato sem querer, em um momento de paixão. Você não vai conseguir nada derrubando pratos de propósito, Caroline.

– É o que vamos ver, Simon. Veja como essa aliança fica linda na minha mão em volta do seu pau.

– Mulher do céu...

*

Algum tempo depois…

– Ouvi você falando com a Jillian no telefone mais cedo. Você não falou nada pra ela mesmo?

– Não. Falei que ia tirar o dia de folga, mas não expliquei o motivo.

– Por que você vai tirar o dia de folga?

– Pra foder você o dia todo embaixo desta mesa.

– Ah, sim.

– Algum problema?

– Não. Não consigo pensar em motivo melhor pra tirar um dia de folga.

– Concordo. Já pra baixo.

– Você vai ser mandona assim quando a gente estiver casado?

– Você não faz ideia, Simon. Você não faz a menor ideia.

*

Horas depois…

– Estou morrendo de fome.

– Eu também. Você vai se controlar agora?

– Eu? Foi você quem começou a quebrar pratos de propósito.

– Não vem com essa de novo. A gente compra alguma coisa no caminho pro hospital.

– Hospital? Você está tendo um infarto? É, aquela última foi intensa demais, eu sabia. Aliás, obrigado por ser tão flexível.

– De nada, e não, não estou tendo um infarto. Falei pra Sophia que ia passar lá hoje pra ver como ela e a coisinha estão.

– Suponho que precisamos vestir alguma roupa, então.

– Só se você não quiser ser barrado pelos seguranças. Vamos, eu ainda quero ligar pra minha mãe e contar a novidade.

– E o seu pai?

– É você quem vai ligar pra ele e explicar por que não pediu minha mão pra ele antes de me pedir em casamento.

– Merda. Digo, ebaaa...

*

Simon e eu ligamos para meus pais, que ficaram extasiados. Minha mãe entrou imediatamente no modo casamento e passou a me fazer todos os tipos de perguntas sobre quando, onde, se eu já tinha escolhido as cores, se eu iria querer minha prima Bernice como madrinha, e quis saber todos os detalhes do pedido. Deixei de lado a parte em que estávamos pelados; essa parte só interessava a mim. Eu conhecia garotas que tinham sido pedidas em casamento em uma carruagem conduzida por cavalos, na praia, no topo da Torre Eiffel, até mesmo no metrô. Mas não conhecia nenhuma que houvesse estado pelada no momento do pedido. Ah, claro, suponho que a maioria ficou pelada na sequência. Mas no ato mesmo? Isso era algo que eu queria guardar para mim.

Nós – finalmente – nos vestimos, entramos no carro e seguimos para a cidade após uma parada para cheeseburgers e milk-shakes. Se eu exibi minha aliança para cada atendente do drive-thru? Pode apostar seu popô que sim. Essa sou eu e minha aliança dando uma mordida no lanche; essa sou eu e minha aliança bebendo um gole do milk-shake. Até fiz Simon reencenar o pedido com uma cebola frita no lugar do anel. Para alguém que antes questionava o próprio conceito de casamento e sua necessidade, eu tinha sido bastante persuadida por um certo objeto cintilante.

Ao chegar ao hospital, virei o diamante para baixo, para a palma da minha mão. Não queria que Sophia o visse logo de cara. Eu entendia o que Mimi queria dizer sobre roubar os holofotes. Sabia que Soph ficaria feliz, mas o momento ainda era sobre Mary Jane, e eu queria vê-la antes de qualquer coisa.

Batemos na porta, e Sophia falou para entrarmos. Sentada na cama, a maquiagem impecável e o cabelo brilhante, ela estava comendo um balde de frango frito, enquanto Neil se achava esparramado no sofá, com Mary Jane aninhada em seu peito.

– Ei! – falou Sophia, dando uma breve pausa em seu apetite selvagem para nos cumprimentar. – Foi mal, mas estou faminta, e essa comida de hospital não estava dando conta. Acabei de expelir um bebê pela minha xereca, e tudo o que eles me dão é gelatina? Se foder, né! Preciso de sustância!

Se eu desconfiava que a maternidade amoleceria Sophia, parei de desconfiar naquele instante. Ainda bem.

Mary Jane arrulhou, e quatro pares de olhos se cravaram no pacotinho aconchegado nos braços de Neil. Sophia sorriu de orelha a orelha. Tá, ela tinha amolecido um pouco.

– Como você está se sentindo, Mama? – perguntei, me aproximando dela e alisando seu cabelo. – Você está linda.

– Estou mesmo. É porque você não me viu de manhã, eu estava horrível. Agora eu sei por que as Kardashians recebem o esquadrão do glamour depois de cada parto; é isso ou você sai parecendo um zumbi em todas as fotos com seu bebê.

– Você está maravilhosa – insistiu Neil. – Com ou sem esquadrão do glamour. Sophia sorriu de novo. Simon, que havia se sentado ao lado de Neil no sofá, não parava de fitar o embrulhinho rosa.

– Cara, eu deixo você pegá-la no colo, é só pedir. – Neil estufou o peito, e o pacotinho se ofereceu para Simon.

– É só um pouquinho. – Simon me lançou uma olhadela.

Eu sorri, grata por ter mais uma chance de vê-lo com um bebê no colo. Olá, ovários, eu estava mesmo me perguntando quando vocês se manifestariam.

Sophia e eu observamos os dois homens transferindo Mary Jane de um para o outro com a mesma precisão que um esquadrão tático nuclear desarma uma ogiva. Foi difícil não rir alto, mas também foi extremamente fofo.

– Então, como você está se sentindo? Tipo, de verdade – perguntei a Sophia assim que a transferência se concretizou.

– Como se tivesse acabado de expelir um bebê da minha xereca – ela resmungou, voltando a

comer seu frango frito. – Dói pra caralho. Mas vale muito a pena. Ela é fofa demais, não é?

– Fofa demais, demais – falei. – Está preparada para mais novidades boas?

– Sempre – ela disse, de boca cheia.

Virei o diamante para cima. Ela guinchou, me exibindo seu frango mastigado e acordando a filha.

– Caramba, Soph! – reclamou Neil; ele e Simon se entreolharam e, então, encararam Mary Jane, que tinha começado a chorar.

– Me deixa ver isso! – gritou Sophia.

– Por que ela está chorando? – perguntou Simon, em pânico.

– Porque a mãe dela quase a matou de susto! – gritou Neil, também descontrolado.

– Todo mundo quieto – falei, tentando ir até o sofá, mas incapaz de fazê-lo porque Sophia não soltava minha mão. Pensei que a qualquer momento ela iria sacar uma lupa de joalheiro da camisola.

– O que a gente faz pra ela parar?!

– Traz ela aqui, Simon!

– Eu não sei levantar com ela no colo!

– É uma aliança de dois quilates e meio?

– Alguém chama a enfermeira, ela não vai parar de chorar!

– Bebês choram, Neil.

– Alguém nos ajude!

– Tira minha filha dos dois patetas ali, por favor?

– Oh, pelo amor! – falei, desvencilhando minha mão e caminhando até o sofá.

– Ei, pequena, está tudo bem – sussurrei, tirando Mary Jane suavemente dos braços de Simon e aninhando-a em mim. – Shh, shh, está tudo bem. Ninguém mais vai gritar, prometo. É que seus pais só conhecem gente louca, só isso. Shh, shh… – Levei-a para Sophia, que começou a abaixar a parte da frente da camisola.

– Oh, eu, uhm… Acho que vou sair, eu, uhm… – falou Simon, levantando-se do sofá.

– São só tetas, Simon! – Sophia ralhou, pegando Mary Jane e aproximando-a de seu peito.

Fiquei surpresa com a naturalidade daquilo. Lá estávamos nós, quatro grandes amigos, um dos quais com as tetas de fora. A vida como ela era agora. A não ser pelo olhar de Simon, que disparava para todos os cantos, menos para onde se desenrolava a ação.

Neil se postou ao lado da cama e finalmente viu o motivo da gritaria de Sophia.

– Ei, o que é isso no seu dedo? – perguntou, fitando a aliança.

– O que você acha que é? – provoquei, levantando a mão para mostrar a ele. Neil olhou para mim, depois para a aliança, depois para Simon.

– Cara?

– Cara.

– Cara! – exclamou Neil, erguendo Simon do sofá em um abraço de urso. Que continuava em curso quando Mimi e Ryan surgiram no quarto.

– A gente veio ver a Mary Jane e trazer presentes… O que está acontecendo aqui? – perguntou Mimi ao ver a inusitada cena.

– Pergunte à noiva – disse Sophia, apontando com a cabeça para mim.

Acontece que gritos não são bem-aceitos em uma maternidade. Fomos muito educadamente convidados a nos retirar.

Mais uma vez, eu me encontrava em uma sala de espera de hospital junto com Mimi, Ryan e Simon, mas por um motivo muito diferente do da noite anterior.

– Não acredito que você está noiva! Isso é perfeito. A abstinência dos meus planos de casamento já estava começando a bater! Estava sem nada novo pra planejar! Agora posso planejar o seu! O mais importante primeiro: você já tem uma data? Já sabe o lugar? Vai ser à noite? À tarde? Black-tie? White-tie? Eu…

– Vai com calma aí, coisinha – falei, erguendo as mãos no gesto internacional de "pode parar agora mesmo". – A gente não tem nada planejado, a coisa toda aconteceu não faz nem um dia. A gente não planejou nada e provavelmente não vai planejar por enquanto. – Respirei fundo. – Sério. Relaxa aí.

– Relaxar. Está bem, vou relaxar – Mimi falou baixinho, balançando a cabeça.

– Tá, mas posso perguntar só uma coisa?

– Uma.

– Quais vão ser suas cores? – ela expeliu, incapaz de conter a empolgação.

– Ah! Cara, eu vou te mandar pra minha mãe, e vocês duas podem planejar até caírem duras – falei, gargalhando ao perceber a animação dela com a sugestão.

– Melhor ideia de todas! Oh, Caroline, vai ser tão legal! Vou ligar para ela hoje mesmo para saber o que ela está pensando! Oh, temos tanta coisa pra fazer, eu…

– Mimi. Querida. Eu estava brincando. Relaxa um pouco, ok? Me deixa apenas ser noiva por enquanto, sem essa neura de casamento, pode ser?

Sua expressão desmoronou, mas ela se calou. Por sua vez, Ryan pronunciou "cara" algumas vezes, Simon falou "cara" algumas vezes, e eles se deram tapinhas nas costas. Malditos meninos…

*

Quando cheguei em casa, já havia treze e-mails da minha mãe com inúmeras sugestões de locais no norte da Califórnia e dezessete e-mails de Mimi com links para vestidos, sandálias, vestidos de madrinha, boleiros. Minha atenção foi desviada dos e-mails, que eu lia sentada à mesa da cozinha, por Simon, que se aproximou por trás e massageou meus ombros.

– Gostei desse – falou, se referindo ao vestido na tela.

– Não acredito nessas duas, Mimi e minha mãe. Elas já começaram. – Balancei a cabeça, perplexa.

– Começaram o quê? A assumir o comando? – Ele deu uma risadinha e me tateou com os

dedões, o que me fez pender a cabeça para trás e soltar um gemido.

Olhei para ele.

– Sim. Vai ser uma putaria.

– Estou me perguntando como um casamento pode ser uma putaria.

– Eu deixaria você ler estes e-mails, mas no momento estou incapacitada de mexer minha cabeça. Você sabia que fica uma gracinha de cabeça pra baixo? – murmurei, gemendo novamente quando suas mãos deslizaram por meus braços e, pelos cotovelos, os ergueram e os pousaram em seus ombros.

– Eu gosto de você de cabeça pra baixo – ele sussurrou, se inclinando para encher minha testa de beijinhos.

– E como fica minha aliança de cabeça pra baixo? – provoquei, estendendo o braço à frente para admirá-la mais uma vez.

– Sexy. – Beijo. – Ridiculamente sexy. – Beijo. Beijo. – Portentosamente sexy.

– Beijo. Mão-boba. Mão-boba.

– Portentosamente sexy? – Meus olhos se cerraram quando a ponta de seus dedos se insinuou na parte de dentro da borda do meu sutiã.

– É uma palavra.

– E quãorapidovocêconseguearrancararoupa, também é uma palavra?

– Vejamos… São… uma, duas, três…

– Você está contando?

– … quatro, cinco…

– Simon?

– Hummm?

– Para de contar e volta a me tocar.

– Oh, gata, eu vou voltar, acredite.

E ele voltou. Suas mãos se moveram pelo meu corpo com convicção, precisão, prática. Estávamos juntos havia tempo o bastante para saber o que o outro gostava e o que o outro amava. A noite anterior tinha sido cheia de amor e de paixão. Esta noite? Seria de uma foda desvairada, frenética, aloprada, franca.

Em um instante, suas mãos passaram de convictas e precisas para selvagens e lascivas, subitamente me levantando da cadeira e me virando, puxando minha camisa com tal voracidade que os botões rebentaram. Simon me pressionou contra a parede, minha face comprimida no papel de parede espinha de peixe que me dera tanta dor de cabeça para escolher, mas que eu nunca examinara tão de perto.

– Oh – foi tudo o que consegui dizer quando sua boca se fechou sobre o tendão direito do meu pescoço ao mesmo tempo que suas mãos escancaravam minha calça e a arriavam bruscamente até minha coxa.

– Tira. Tira a calça. Tira tudo – ele falou, a voz grave no meu ouvido, as mãos posicionadas

no meu corpo, uma na garganta, a outra no quadril. Era por isso que nunca haveria tédio com Simon. Ele era capaz de passar de meigo a incontrolável num piscar de olhos, sempre me surpreendendo, sempre mantendo as coisas interessantes. – Tira – repetiu, me trazendo de volta para o presente. Presente no qual eu o sentia, rígido e insistente, contra minhas costas.

Abaixei o jeans, a calcinha junto. Devo ter abaixado muito devagar, porque de repente Simon os arrancou e depois me pressionou com mais força contra a parede. Eu adorava o Trepador de Paredes carinhoso e que tomava seu tempo, mas adorava ainda mais o Trepador de Paredes que tinha dado origem ao nome!

Com uma mão no meio das minhas costas e a outra emaranhada no meu cabelo, ele me direcionou para baixo e para trás, posicionando os meus quadris na altura certa. Escutei o desfivelar do cinto, o correr do zíper, e então o senti, pronto. Sempre pronto. A mão que estava em minhas costas escorregou até meu quadril para me escorar conforme ele afastava minhas pernas para os lados. Arquejei ao senti-lo, ao senti-lo no lugar exato.

– Me fala que você quer, que você me quer – Simon sussurrou profundamente em meu ouvido.

– Meu Deus, Simon, claro que eu quero – ofeguei, e sua mão esquerda passou do meu quadril para o meu seio, apertando, retorcendo, beliscando avidamente, me fazendo ofegar de novo.

– Me fala que você quer – ele repetiu, enfatizando as palavras com um puxão eloquente, me fazendo empinar ainda mais, e meus quadris buscaram desesperadamente os seus.

– Sim, Simon! Eu quero, eu quero você! – gritei, estonteada pela sensação de tê-lo dentro de mim. – Eu sempre quero você!

Enquanto uma de suas mãos continuava entrelaçada em meu cabelo, me mantendo contra a parede, a outra mergulhou entre minhas pernas para me descobrir escorregadia e quente e pronta para ele, resultado de suas palavras e nada mais. Ele gemeu ao me tocar com os dedos e então gemeu de novo, um gemido inigualável, ao introduzir tudo, centímetro após cen-tí-me-tro. Estiquei o braço para trás para tentar trazê-lo mais para perto, porém Simon devolveu minhas mãos à parede e puxou meus quadris ainda mais para si.

– Ver você assim… Você não sabe o que é te ver assim – murmurou, tirando quase tudo e, em um ato contínuo, metendo de volta com força, arqueando minhas costas e me fazendo arquejar. – Você fica tão gostosa, tão sexy…

– Quando você está me comendo? – perguntei, olhando para ele por sobre o ombro.

Que ele mordeu… com força. E então Simon tirou tudo. E eu mal tive tempo de processar esse fato porque, quando me dei conta, ele estava no chão, entre as minhas pernas, com as costas apoiadas na parede, me trazendo para sua boca. Avidamente.

Um fato sobre meu noivo: ele adora saborear com a própria boca.

Possuída de fúria, sua língua me chupou e me sugou. Uma mão, firme em minha lombar, me puxava para seu rosto maravilhoso, contra o qual meus quadris se esfregavam desgovernadamente. A outra mão me mantinha aberta tal qual ele me queria, escancarada. A cozinha então se tornou um borrão, as cores se tornaram riscos difusos…

– Não para, não se atreva a parar – entoei conforme sua língua me circulava, seus lábios e boca me envolvendo como conchas, a me chupar e me morder, a me sugar e me beijar, a me

amar e…

Eu explodi. Ele continuou até que eu explodisse de novo. E mais uma vez, só para garantir. E quando eu já estava completamente mole, incapaz de me manter em pé, ele me puxou para o chão, ergueu minhas pernas até seus ombros e me arruinou para qualquer outro homem.

É bem possível que eu tenha desmaiado. Porque quando acordei, instantes ou horas depois, estava no chão da cozinha, coberta por uma manta laranja e verde, enquanto Simon, apoiado no balcão, comia uma tigela de Sucrilhos. Pelado.

*

A semana que se seguiu passou voando. Eu trabalhei, ele trabalhou, nós contamos a grande novidade a todos nossos conhecidos, e nossos celulares foram inundados de emojis e mensagens de felicidades. Jillian chegou a trocar a costumeira mensagem do atendimento telefônico noturno do escritório pelo anúncio do meu noivado. Claro que, ao fim da mensagem, o endereço e o horário de funcionamento eram informados.

Eu sempre mantive um contato frequente com minha mãe; normalmente, falava com ela duas ou três vezes por semana. Agora ela me ligava todos os dias, inúmeras vezes. Logo cedo pela manhã, às sete horas, e tarde da noite, às onze e meia, quando me fazia ligar no Jimmy Fallon para ver o vestido que Drew Barrymore estava usando, que ficaria ótimo nas madrinhas, não ficaria?

Mimi também estava implacável. Com sua típica sensibilidade de buldogue, ela levara ao meu escritório, na segunda-feira à tarde, absolutamente todas as publicações atuais sobre casamento, além de todos os números da revista Martha Stewart Weddings desde 2002. Ela precisou usar dois carrinhos de carga e fazer três viagens de elevador para subir todas, mas conseguiu, ô se conseguiu.

Eu estava começando a trabalhar na reforma de um antigo cliente que morava em Dolores Heights, mas, em vez de projetar sua cozinha, que era o que eu deveria estar fazendo, me vi intermediando uma chamada via Skype entre minha mãe e Mimi, que debatiam o polêmico tópico véu parcial versus véu cheio e o que fazia de uma testa como a minha mais propícia para grinaldas ornamentadas. Eu não fazia a menor ideia do que elas estavam falando, mas era ao mesmo tempo empolgante e divertido e arrebatador e maravilhoso.

Na sexta à noite, exausta, falei para Simon, enquanto comíamos comida tailandesa no sofá da sala, que eu me recusava terminantemente a permitir que os planos do casamento se tornassem mais importantes do que o momento de celebração que estávamos vivendo. Nosso casamento. Simon deu um beijo com aroma de curry em minha testa, balançou a cabeça e riu da minha ingenuidade.

O famoso curry final.

# CAPÍTULO CINCO

Meses depois…

– Mãe, você não pode colocar os Royer junto com os Bocci, eles se odeiam desde que o senhor Bocci atropelou o gato da senhora Royer! Como você esqueceu isso? O Froot Loops ficou preso no pneu da Mercedes que o senhor Bocci tinha acabado de comprar. A senhora Royer passou o verão inteiro falando do gato morto, não falava de outra coisa, foi por isso que a gente parou de convidá-los pras festas… Sim… Sim, o verão antes de eu ir pra faculdade… Sim, faz tempo… Pois é. Coloca na mesa dos Schaefer, todo mundo gosta deles… Tá bom… A gente se fala amanhã… Beijo… Beijo… Beijo…

Desliguei o telefone e esfreguei a orelha, que estava quente. Não tinha como não estar. Pela última meia hora, eu estivera às voltas com ligações da minha mãe – sendo que passara as últimas trinta horas junto com ela, na nossa casa.

Nossa casa que havia se tornado um episódio de Noiva sob medida. Minha mãe viera para uma blitz de detalhes do casamento, para os quais, em sua maioria, eu não estava nem remotamente preparada. Durante todo o fim de semana, minha mãe, Simon, Mimi e eu, além de Jillian e Sophia em alguns momentos, ficamos em um vaivém ininterrupto pela baía para provar bolos, degustar menus, escolher flores, experimentar vestidos e ouvir big bands. Aliás, ouvir big bands foi minha parte favorita. O resto? Tanto faz como tanto fez.

Como as pessoas não perdem a cabeça quando vão casar? Ou a carteira? Como elas não são condenadas por agressão física mediante uso de anágua? Eu já tinha estado diretamente envolvida nos preparativos de dois casamentos, primeiro o de Jillian, depois o de Mimi. E, de fora, ainda que participando bastante, pensava que estaria preparada para a ofensiva de decisões e problemas e para o pavor de ter algo fora de lugar no nosso grande dia.

Eu era feliz sendo ignorante e não sabia. Já era. Estava me sentindo em Nascido para matar no meio daquele torturante espetáculo de véus e grinaldas, prestes a ficar completamente fora da casinha.

Depois que minha mãe finalmente se despediu para voltar para sua casa, me deixando com presentes de casamento antecipados, mapas de assentos, além de mapas das cercanias tanto da igreja quanto do local da festa para que Mimi pudesse prever o trânsito no nosso grande dia, eu acenei um alegre tchau, fechei a porta e desabei ali mesmo na entrada. Onde, muitos minutos depois, Simon me encontrou para me entregar um celular.

– Sua mãe – ele sussurrou.

– Mas eu desliguei meu celular! – sussurrei em resposta.

– O que explica por que ela ligou no meu, não é mesmo?

– Merda – murmurei, alcançando o aparelho. – Oi, mãe, o que foi?

Simon me pegou pelo tornozelo esquerdo e me arrastou até a sala. Ainda bem que tínhamos acabado de encerar e polir o piso.

Após desligar o celular, do lugar em que Simon havia me deixado, ao lado do sofá no qual ele estava sentado agora, fitei-o com uma expressão esgotada e atônita.

– Ela conseguiu pensar em mais problemas com o mapa de lugares antes mesmo de chegar na rodovia – expliquei, entregando-lhe seu celular.

– Percebi. Qual é a grande dificuldade de juntar todas essas pessoas no mesmo ambiente? Oi. Vocês são nossos amigos e familiares queridos. Nós queremos estar com vocês durante este momento especial e tal. Vocês são nossas pessoas preferidas no mundo! Nós vamos alimentá-los com lombo de novilho assado com batatinhas ao molho de cogumelos preparado com cogumelos selvagens colhidos nos montes de San Francisco! E vocês não são capazes de esquecer um gato morto há décadas e simplesmente aproveitar o camarão sobre cama de rúcula salteada na manteiga e salpicada de espuma de alho?

– A gente teve que abrir mão do camarão, amor. Tem muita gente alérgica.

– Mas eu adorei a espuma de alho!

– Eu sei.

– Isso está saindo do controle! – Ele soltou um suspiro e cobriu o rosto com as mãos.

Me arrastei até ele, escalei seu colo e afastei suas mãos.

– Concordo. Quer fugir?

– Amanhã. – Ele me encarou para ver se eu estava falando sério. Como balancei a cabeça, Simon suspirou novamente. – Tudo bem. Vai ficar tudo bem. Quando eu tiver você só pra mim durante três semanas no litoral da Espanha.

– Pode contar com isso. Fiquei tão feliz que conseguimos alugar a casa de Nerja! É o lugar perfeito para uma lua de mel. E só falta um mês.

– Um mês. Só um mês. Só um mês – ele repetiu como um mantra. – Eu pretendia arrumar minha mala neste fim de semana, mas os bolos ganharam.

– Os bolos estavam ótimos. Eu sei que você gostou dessa parte.

– Estavam bons, mas nem se comparam aos que você faz. Por mim, a gente teria sua torta de maçã em vez de um bolo de casamento. – Suas mãos repousaram em meus quadris.

– Que fofo, amor. Mas o de três camadas de coco com creme de amora estava bom pra cacete.

– Concordo. Quer me ajudar a fazer a mala?

Respondi que sim, subi no encosto do sofá e aguardei placidamente que ele me erguesse e me levasse de cavalinho até o quarto. Simon faria uma última viagem antes do casamento, uma sessão de fotos no Vietnã que duraria duas semanas. Eu estava odiando o fato de não poder ir junto. A *National Geographic* o contratara para fazer um ensaio na caverna de Son Doong, aberta para visitação havia apenas dois anos mais ou menos e o sonho de consumo do turismo vietnamita no momento. Muitos de seus trechos ainda não tinham sido fotografados, suas florestas subterrâneas e rios não tinham sido vistos por quase ninguém. Fazer rapel em paredões escorregadios, encarar fortes correntezas de água barrenta, se esquivar de morcegos e de insetos do tamanho de um prato: era exatamente o tipo de coisa que Simon amava. E registrava à sua maneira, única, que conduzia o observador junto com ele até os mais profundos e escuros esconderijos da Terra.

– Ainda não superei o fato de que você não conseguiu remarcar essa viagem pra depois do casamento... – Suspirei, ainda pendurada nas costas de Simon, que nos conduzia pelo corredor do

andar de cima.

– Acho que você não superou o fato de que não vai comigo.

– Justo, mas eu queria mesmo que você estivesse aqui para ajudar a resolver os últimos detalhezinhos dos preparativos.

– Amor, você tem a dupla dinâmica dos preparativos competindo pra organizar as lembrancinhas de casamento em ordem alfabética. Acho que você está bem amparada. – Simon pegou sua bolsa no closet e a depositou sobre a cama. Na sequência, me depositou sobre a cama.

Eu não podia negar que Mimi e minha mãe vinham fazendo um excelente trabalho. E, como o escritório nunca dera folga, estava muito grata pela ajuda. Ainda assim, havia decisões de última hora a tomar, e Simon não participaria de algumas delas.

– A gente combinou que o casamento seria do nosso jeito, com as coisas que nós gostamos, não combinamos? – perguntei enquanto camisetas e bermudas se acumulavam na mala.

– Acho que a gente abriu mão disso há alguns meses, amor, quando tivemos três discussões, em momentos diferentes, sobre amêndoas confeitadas e sobre a cor do embrulho das amêndoas confeitadas.

– Eu sei, eu sei. Eu nem gosto de amêndoa. Mas é que… que… Ainda é sobre nós dois, certo?

– Sim, ainda é sobre nós dóis. Nós dois e trezentos amigos.

– Ugh! Trezentos! Parece absurdo quando eu falo, mas já repassei a lista e não sei quem poderíamos tirar a esta altura – reclamei, apoiando a cabeça nos travesseiros.

A lista de convidados tinha inchado e inchado até passar do ponto do ridículo. A maior parte dos amigos de Simon dos tempos do colégio e suas esposas viriam da Costa Oeste para o casamento, o que era lindo. Seus antigos vizinhos, os White, também viriam; Simon ficou muito feliz quando recebeu o RSVP deles.

– Quantos clientes do escritório tem na lista? Quantos amigos dos seus pais? Tem um monte de gente que a gente não conhece. Que a gente não conhece muito bem, digamos assim.

– Não vamos discutir sobre isso de novo, ok?

A lista de convidados, o menu, os manobristas, tudo só aumentava. E, conforme aumentava, mais claro se tornava para mim que Simon estava fazendo um esforço para parecer que concordava com tudo. No entanto, quando ficávamos a sós depois que o comitê dos preparativos dava a noite por encerrada, ele admitia que era um pouco excessivo. Mas estava nessa de corpo e alma e insistia que mantivéssemos tudo do jeito que estava. O que não o impedia de ficar um pouco chateado de vez em quando. Nós tínhamos tido várias conversas tensas nos últimos meses, principalmente sobre a lista de convidados. Ele, que não vinha de uma família grande que vivia a apenas uma hora de distância, não compreendia a razão de convidar tantas pessoas.

Mais do que isso, porém, eu acho que era difícil para ele ver a quantidade de convidados em sua coluna e a quantidade de convidados na minha coluna. Era uma espécie de lembrete explícito de quem ele havia perdido. De quem não estaria presente. Ele era um sobrevivente. O meu sobrevivente.

E só faltava um mês. E então poderíamos viver nossa vida de novo, por nós e para nós. E nossos gatinhos. Mudei de assunto e perguntei sobre sua viagem, sobre o que ele faria lá. A

tensão foi diminuindo. Conforme sua mala se enchia e os gatos, sabendo que isso significava que o Papai iria viajar, andavam de um lado para o outro, falamos apenas de câmeras e cavernas, e não mais de véus e grinaldas.

Quando nos deitamos naquela noite e ele me beijou lenta e intensamente e disse que me amava e que sentiria saudades da minha bunda deliciosa, eu dei uma risadinha e o deixei despejar seu amor sobre mim pelo tempo que quisesse. Um tempo bastante considerável, afinal de contas estamos falando do meu Trepador de Paredes.

Na manhã seguinte, o levei ao aeroporto, lhe dei um beijo de despedida, falei que não estava usando calcinha e o beijei de novo quando ele tentou me empurrar de volta para dentro do carro para descobrir se era blefe ou não. Não era. Beijando-o uma última vez, falei que o amava e que o esperava dali a duas semanas.

Ninguém nunca nos aconselha a guardar esses momentos. A registrá-los na mente, a transformá-los em memórias, para que possamos acessá-los facilmente, imediatamente, quando precisarmos deles no futuro. Para que possamos repassá-los, para que possamos reviver o último momento com alguém.

*

Eram duas da manhã. Eu estava dormindo no sofá sob uma coberta de seres peludos. A televisão estava ligada no Food Network. Descolei a cara do travesseiro… Que ótimo. Baba. Calma, por que eu estava no sofá? Que barulho era esse? O celular. Oh, o celular! Peguei-o atabalhoadamente e vi que a chamada era de Simon.

– Amor? Chegou?

– Acabei de pousar em Hanói – ele falou e bocejou, embora sua voz transparecesse certa urgência, como sempre acontecia quando Simon estava viajando.

Ele amava seu trabalho. Ele amava viajar. Um tempo atrás, logo depois que passamos a morar juntos, Simon diminuíra as viagens, e eu pensara que talvez ele estivesse considerando abrir mão da vida de andarilho. Ele ainda viajava, mas não tanto quanto antes. Amava demais aquilo para abrir mão. E eu o amava demais para pedir que abrisse mão. Além disso, estávamos acostumados a ficar longe um do outro. As coisas eram assim quando nos conhecemos, quando nos aproximamos, quando nos apaixonamos. A gente fazia dar certo, porque era a única vida que conhecíamos.

– Como foi o voo?

– O último trecho foi brutal, mas estou feliz de estar aqui. O sol está a pino, está fazendo uns mil graus, e tem uma tigela de pho apenas esperando que eu desligue o telefone para ser devorada.

– Não seja por isso – provoquei. – Obrigada por me avisar. Quando você vai para a primeira locação?

– Amanhã de manhã. Vou passar o dia na cidade pra me aclimatar e adiantar algumas coisas com os caras que vão ser meus guias. E amanhã pego o trem da madrugada. Ou hoje. Não faço a menor ideia de que horas são.

– Tá bom, lindo, me liga quando der. – Eu sabia que Simon ligaria, mas, quando estava

ocupado, ele perdia qualquer noção de tempo. O mesmo valia para quando ele estava ocupado comigo…

– Pode deixar. Te amo.

– Também te amo. A Ella mandou dizer que está com saudades.

– Óun, fala que eu também estou com saudades da minha gatinha.

– Ela só dorme comigo quando você está viajando.

– Ela sabe quem é que manda.

– Vou desligar na sua cara, Trepador de Paredes.

– Não se eu desligar primeiro, Garota do…

He, he. Ganhei. Expulsar quatro gatos foi uma tarefa que demandou algum esforço, mas por fim consegui levantar e me espreguiçar antes de subir para o quarto. Meu celular apitou, olhei para a tela. Simon tinha me mandado uma foto do seu macarrão. Puto.

*

Trabalhei duro naquela semana para tentar adiantar o trabalho antes do grande dia. Monica, que ingressara a bordo do escritório no ano anterior, havia sido promovida de assistente a designer júnior e vinha sendo fundamental para que a transição para o novo arranjo provocado pela mudança de Jillian fosse a mais suave possível, não só para mim, mas para todos da equipe. Ela ainda trabalhava comigo na maioria dos meus projetos, mas já estava começando a alçar pequenos voos solo, normalmente com meu amparo como conselheira. Monica vinha lidando com meus clientes sempre que eu me achava interditada pelos preparativos do casamento. Saber que ela seguraria as pontas enquanto eu estivesse fora do escritório era um enorme alívio, mas ainda assim eu queria deixar o máximo de coisas prontas.

No fim da semana, eu estava exausta, porém com a sensação de que adiantara uma boa parte das tarefas. Tinha uma reunião às quatro e meia com Jillian, reunião que, eu desconfiava, terminaria em álcool. Desconfiava porque era assim que nossas semanas terminavam sempre que ela estava na cidade. Era uma desconfiança bastante certeira. O fato de que eu tinha em mãos uma garrafa de vinho era outro indício. Estava chegando na sala dela, os braços carregados de pastas e meus sempre presentes lápis coloridos, além do vinho, quando a ouvi falando apreensivamente com alguém ao telefone.

– Oh, Deus, você tem certeza? O que isso significa? Jesus, e o que eu vou falar pra ela?

Coloquei a cabeça no vão da porta para não interrompê-la e também para que ela não pensasse que eu estava escutando às escondidas.

– Volto depois? – sussurrei. Ela olhou para mim, e quando meu olhar encontrou o seu os pelos em minha nuca se arrepiaram. Seus olhos estavam arregalados, cheios de pânico e de lágrimas. A sala se estreitou: minha visão só continha Jillian e seu celular agora. – O que aconteceu? – perguntei, a voz trêmula. Trêmula porque eu sabia.

– Caroline, querida, é o Benjamin – ela começou, e meu sangue me queimou como gelo. Só mais tarde eu soube que derrubei tudo o que carregava. Incluindo o vinho, que caiu bem no meu dedão do pé; fiquei com um hematoma debaixo da unha por meses.

– O que aconteceu? – ouvi alguém perguntando, e esse alguém era eu.

– Não sei, ele acabou de ligar e…

– Me dá o telefone, Jillian – falei, me aproximando dela e tirando o celular de sua mão. – Onde ele está? O que houve?

– Eu ainda não sei de nada, Caroline. Eu…

– Se você não soubesse de nada, não teria ligado pra Jillian, e ela não estaria branca neste exato momento. O que aconteceu com o Simon? – indaguei, minha voz cada vez mais aguda. Eu soava estridente, eu soava desesperada. Eu soava terrivelmente apavorada.

– Não sei muito, um dos caras que estavam com ele me ligou. Acho que ainda estou como um de seus contatos de emergência na *National Geographic*. Houve um acidente em uma das cavernas. Não consegui entender direito o que aconteceu; o cara não fala inglês muito bem e a ligação estava ruim e…

– Pelo amor de Deus, Benjamin, o que aconteceu? – gritei, dando um tapa na mesa de Jillian.

– Ele caiu. Estava em uma espécie de andaime de bambu, e a corda não estava presa direito ou não aguentou o peso, e ele caiu. Não sei a altura. Provavelmente o bastante para quebrar alguns ossos.

– Quebrar alguns ossos. Tudo bem, quebrou alguns ossos... – Exalei o ar e me segurei à mesa, porque meus joelhos falharam. – Tudo bem, tudo bem.

– Não foi só isso, Caroline, ele ficou inconsciente na queda. Sofreu algum ferimento no crânio. Foi levado de helicóptero pro hospital, mas, até onde sei, continua inconsciente. É tudo o que sei. Estou tentando falar com um dos médicos que estão cuidando dele, mas…

– Monica! – gritei na direção do corredor. – Vem já aqui!

– Caroline, o que você está fazendo? – Jillian perguntou, e eu ergui um dedo indicador.

– Benjamin, eu preciso saber onde ele está. Em que cidade, em que hospital. Preciso do nome do médico. Preciso do nome e do contato do intermediador do Simon – falei no momento em que Monica entrava na sala.

– Caroline, por Deus, mulher, você poderia ter simplesmente pedido para a Monica…

– Você ainda tem os dados do meu passaporte da vez que me ajudou a marcar aquela viagem pra Espanha? – perguntei e pedi para Benjamin aguardar.

– Sim, devo ter – Monica falou, olhando para mim e depois para Jillian. – O que está acontecendo?

– Preciso que você me coloque no primeiro voo para Hanói. Só preciso de uma hora pra passar em casa e pegar o passaporte. Me manda os detalhes por mensagem assim que você conseguir.

– O quê, Hanói? Quando? Até quanto eu posso gastar? Onde você prefere fazer escala? Como…

– O quanto antes. Não importa. Não importa. Por favor, faça isso imediatamente – respondi, agora calma. – Benjamin, estou indo pra casa para pegar meu passaporte e de lá vou pro aeroporto. A Jillian vai me levar, para que eu possa fazer alguns telefonemas no caminho. Tente descobrir tudo o que você conseguir e me ligue assim que souber de algo, ok?

– Claro, pode deixar. Você tem certeza que…

– Você acabou de me contar que Simon está inconsciente no cu do mundo. Você espera que eu faça o quê? – questionei, devolvendo o celular a Jillian e caminhando até a porta. – Jillian, fico pronta em dois minutos. Monica, me arranja um voo.

*

Cinco horas mais tarde, eu estava sobrevoando o Pacífico dentro de um avião. Último assento disponível. Primeira classe. Você tem noção de quanto custa uma passagem de primeira classe para a Ásia comprada de última hora? Comece a digitar zeros e não pare: é quanto custa.

Sentada em minha cabine exclusiva, eu não assistia a filme nenhum. Você sabia que na primeira classe de voos transnacionais para a Ásia você tem uma cabine própria? É tipo uma pequena suíte, só que em um avião. Em nossa viagem para o Vietnã juntos, algum tempo atrás, Simon e eu tínhamos ido de classe executiva; fora sensacional, claro, mas não tanto assim.

Monica precisara parcelar a passagem em cinco cartões diferentes. Eu não liguei. O que importava era que eu estava a caminho de Simon. Benjamin conseguira mais algumas informações antes que eu decolasse. Ainda inconsciente, Simon estava sendo submetido a exames para averiguar se havia sofrido trauma cranioencefálico, ou TCE. Se fosse diagnosticado inchaço cerebral decorrente de uma fratura craniana, o que, segundo Benjamin, não tinha sido descartado ainda, ele provavelmente teria que passar por uma cirurgia para aliviar a pressão intracraniana.

Agora me deixe dizer o que você nunca deve fazer. Você nunca deve procurar por esses termos na WikiMed. É pedir para ficar apavorada. Eu estava lutando bravamente contra o ímpeto de me conectar à rede sem fio do avião e fazer exatamente isso. Só checava no celular novos e-mails ou mensagens de Benjamin, que por enquanto não tinha novidades.

Assim, eu me achava em minha cabine exclusiva, pensando. Pensando no meu amado Simon. Benjamin telefonara para o hospital para informar que, embora não estivesse listada como parente próximo nem mesmo como contato de emergência (o que seria retificado o quanto antes), eu era noiva do paciente e minha entrada deveria ser permitida. Benjamin possuía uma procuração de plenos poderes outorgada por Simon, a qual havia sido firmada anos antes, quando Simon ainda estudava em Stanford. Meu amado Simon, completamente sozinho por anos (a não ser pelo próprio Benjamin) em suas aventuras pelo mundo, sem outra preocupação senão sua fotografia. Com Benjamin – seu único contato em caso de emergência – em San Francisco tomando conta de sua vida financeira, Simon não tinha qualquer amarra.

Não mais. Eu era a sua amarra. Eu era o seu contato. Eu era o que fosse necessário ser em caso de emergência com ele, ou deveria ser. Eu o amava mais do que qualquer pessoa viva e estava em pânico com a ideia de que algo pudesse acontecer com ele antes que eu chegasse lá.

Em minha cabine, quilômetros acima do oceano, o cérebro fritando, eu não parava de ser assaltada por pensamentos com espuma de alho. A espuma de alho sobre camarões gigantes que Simon queria servir em nosso casamento, mas da qual tivera de abrir mão. Em algum momento, decidiu-se que nossos convidados que talvez fossem alérgicos a frutos do mar eram mais importantes do que o noivo e seus desejos em seu próprio casamento.

Como assim, porra? Como chegamos a isso? As coisas ficam bem claras quando se está em uma cabine particular sobre o mar com todos os pensamentos voltados para o seu amado Simon.

E o fato era que eu estava cagando e voando para essas idiotices de casamento. Eu apenas queria dizer para aquele homem as mesmas palavras que pessoas vêm dizendo por gerações e gerações. Eu só queria jurar para ele, na frente de todo mundo, que ele era meu e que eu era dele na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, até que a morte nos separasse. O resto? Pro inferno com o resto!

Como andar de um lado a outro dentro de um avião não é um comportamento bem-visto, permaneci em minha cabine e não assisti ao filme na tela, mas assisti ao filme que passava atrás de minhas pálpebras. Simon, na primeira vez que o vi. Seminu, coberto apenas por um lençol, na entrada de seu apartamento, irritado porque eu socara sua porta, mas não irritado a ponto de não conferir minhas pernas à mostra sob aquele baby-doll cor-de-rosa. Simon, na primeira vez que o beijei. No pátio da casa de Jillian, à luz da lua e ao som das ondas e dos grilos, minhas mãos atracadas naquele maldito suéter deliciosamente cheiroso, minha boca atracada na dele. Simon, na primeira vez que fizemos amor. Na mais bela cama, no mais belo quarto, na mais bela cidade da Espanha, ele em cima, pendulando descontroladamente para dentro e para fora de mim. Simon, na primeira vez que me fodeu. Cercada de uvas-passas e coberta de farinha, eu o cavalguei com vontade, e nós demos as boas-vindas ao meu orgasmo havia tanto sumido, mas jamais esquecido.

Simon, no dia em que me perguntou se eu não queria comprar nossa casa com ele. Comigo em seu colo no que hoje era nosso quarto, então coberto por um papel de parede tenebroso, despejando seus mais profundos sentimentos sobre o terrível carpete, me convidando para construir um lar ao seu lado. Simon dançando comigo ao som de uma big band na inauguração do primeiro hotel ambientado por mim. Simon devorando meu pão de abobrinha. Simon procurando Clive sem parar sob a chuva. Simon dormindo no cantinho da cama e transgredindo qualquer lei de poluição sonora com seu ronco.

Simon no chuveiro me pedindo em casamento. Simon era o meu mundo. E eu atravessaria qualquer mundo para estar com ele. E a tempo.

# CAPÍTULO SEIS

Quando pousei em Hanói, meu celular estava cheio de mensagens de voz de Mimi, Sophia, Ryan e Neil, mas eu ouvi apenas as de Benjamin. Simon tinha acordado, mas logo voltara a dormir. Continuava fortemente sedado e estava sendo preparado para realizar outra ressonância magnética, a fim de determinar se precisaria de cirurgia. Se eu fosse rápida, talvez chegasse antes que os resultados saíssem. A muito custo, atravessei a alfândega sem gritar nenhuma vez, joguei a bolsa dentro de um táxi detonado e vomitei ordens ao taxista para que me levasse ao Hospital Francês de Hanói, onde Simon estava internado.

Durante todo esse tempo, eu não derramara uma única lágrima. Não chorei ao contar aos meus pais para onde estava indo. Nem ao fazer a mala correndo e colocar dez calças e apenas duas calcinhas. Nem quando Jillian me deixou no aeroporto, nem mesmo quando me tranquei na toalete da área VIP, na primeira ocasião em que fiquei sozinha desde o ocorrido, e me dei permissão para desabar. Ainda assim, nem uma única lágrima. E nem uma única lágrima conforme eu, desorientada, cruzava as caóticas ruas de Hanói. Entretanto, o pavor estava começando a crescer dentro de mim. Até este ponto, eu tinha sido movida a adrenalina pura, mas agora, com o celular descarregado e, portanto, sem poder receber novas informações, estava prestes a perder o controle.

O táxi parou em frente ao hospital, e eu paguei ao motorista pelo menos cinco vezes o valor da corrida, pois ainda não tinha convertido nenhum dólar e também não dava a mínima. Corri para dentro do prédio e passei a procurar alguma indicação, qualquer indicação. Neurologia. Benjamin tinha falado que Simon estava na neurologia. Mas também falara algo sobre UTI… Para onde ir? Onde ele estava? Girei sem sair do lugar à procura de alguém que pudesse me ajudar.

– Senhorita? – chamou uma voz cortês; me virei e vi uma pessoa atrás de um balcão de informação. – Posso ajudá-la?

Ela tinha um sotaque do Sul dos Estados Unidos, cara! Eu não sabia o que iria encontrar em um hospital vietnamita, mas certamente não esperava que fosse uma pequena loira que falava como a Delta Burke.

– Preciso ver um paciente, Simon Parker. Sou noiva dele, ele sofreu um acidente. Me falaram que ele está internado aqui, mas eu não sei onde, o andar, nem…

– Simon Parker, sim, ele está internado aqui. No quarto andar. A senhorita gostaria que eu a acompanhasse até lá?

Explodi em lágrimas: lágrimas gigantes, trêmulas, convulsivas. Não consegui evitar; meu corpo simplesmente não aguentou mais segurar, e a coisa toda vazou pelos meus olhos.

– Sim. Por favor – falei com esforço enquanto ela me passava um monte de lenços e, em seguida, a caixa inteira.

– Simon Parker, ele é fotógrafo, não é?

– Sim! – berrei, seguindo-a em direção ao elevador. – Como você sabe?

– Nunca temos muitos norte-americanos internados aqui ao mesmo tempo. Os funcionários sempre acabam sabendo quem é quem. Ele sofreu uma queda, não foi?

– Sim! Não consegui falar com ninguém desde que pousei. Como ele está? Você sabe? – Sequei o rosto quando a porta do elevador se abriu no quarto andar.

– Acho que é melhor você falar com o médico dele. Vou levá-la até o quarto, está bem? – Ela me apressou até o posto de enfermagem, onde conversou brevemente com os enfermeiros, que apontaram para um quarto.

Sem nem sequer agradecê-la, disparei para a porta quando li o nome de Simon na placa.

Respirei fundo, me preparei para o que iria encontrar lá dentro e abri a porta. Seja forte, seja forte, seja forte. Eu seria forte. O que quer que me esperasse do outro lado daquela porta, eu seria forte. Por ele.

Então, né. Só que não muito. Porque, quando vi Simon deitado em uma cama de hospital, cercado por tubos e máquinas e botões e bipes, quase não aguentei. Ele tinha um grande curativo na cabeça. Estava dormindo? Inconsciente? Não importava. Me senti imensamente grata, por dois motivos. Primeiro, porque ele não tinha visto meu desespero no vão da porta; quando despertasse – e não havia "se" aqui, apenas "quando" –, Simon encontraria uma Caroline segura e serena. Segundo, e mais importante, eu me sentia grata, apenas isso. Grata por enfim estar com Simon. Me permiti mais dois minutos de descontrole, agradeci rapidamente a qualquer entidade que estivesse me ouvindo e então afastei uma mecha de cabelo que caía em sua testa, cuidadosamente, quase sem tocar sua pele.

Havia inúmeros pequenos cortes e arranhões em seu rosto; os maiores, na face esquerda, estavam cobertos por curativos em formato de borboleta. Também havia hematomas, e seu pescoço e a parte superior de seu tronco estavam envoltos por ataduras. Suspirei tremulamente antes de pousar leves beijos naquela bochecha que tinha um cheiro familiar mesmo com todo o antisséptico. E depois saí em busca de um enfermeiro, um médico, qualquer pessoa equipada com um estetoscópio que pudesse me inteirar da situação.

Me identifiquei no posto de enfermagem. Benjamin já havia garantido minha liberação e solicitado ao médico responsável que me passasse toda e qualquer informação. Como Benjamin era o responsável legal por Simon, quaisquer decisões que porventura precisassem ser tomadas teriam de passar por ele. Eu sabia que qualquer decisão passaria por mim também, mas meu cérebro só era capaz de processar tal pensamento de forma abstrata, e não como uma possibilidade real.

Conversei com o médico de Simon, que me explicou com mais detalhes o que Benjamin me adiantara. A equipe médica estava esperando o resultado da última ressonância. Simon despertara por breves instantes durante toda a manhã; se quisesse pegá-lo acordado, eu poderia ficar no quarto. O médico me avisaria quando os resultados saíssem.

Foi o que fiz. Falei com Benjamin para atualizá-lo, coloquei a bolsa no chão, sentei na poltrona ao lado da cama de Simon e o observei dormir. Tomei sua mão na minha e admirei mais uma vez seus dedos longos, suas mãos fortes, seu belo antebraço. Enquanto segurava sua mão, acariciei seu braço, vigiando suas pálpebras, que tremelicavam. Será que ele estava sonhando? Com o quê? Provavelmente com a foto que estava tirando no momento da queda…

Perdida nesses pensamentos aleatórios, de repente senti sua mão apertar a minha, como fizera milhares de vezes antes. Meu olhar foi da minha mão para o seu rosto: os olhos de safira estavam abertos e piscando.

– Oi... – sussurrei, e percebi que seus olhos passaram confusos pelo quarto antes de se deterem em mim.

– Oi, amor – ele sussurrou de volta, e meus olhos se encheram de lágrimas. A partir daquele momento, "oi" e "amor" eram indiscutivelmente as palavras mais bonitas do idioma. – Você está linda. – Certo, adicione três palavras à lista.

– Vou chamar um enfermeiro, está bem? – Estiquei o braço para alcançar o botão.

– Estou feliz que você esteja aqui. – E Simon voltou a dormir antes mesmo que a bunda do enfermeiro descolasse da cadeira.

Mas tudo bem.

Simon alternou momentos de sono e de breve vigília durante todo o dia e a maior parte de noite. A última bateria de exames mostrou que, embora ele houvesse sofrido uma considerável concussão, não teria nenhuma sequela permanente; sua recuperação seria completa. Benjamin também falou com o médico para confirmar que eu passaria a noite no hospital e que acompanharia Simon até sua alta.

Simon finalmente começou a despertar de verdade por volta das três da madrugada, fato que foi precedido pelos vinte minutos mais cômicos da minha vida. O Trepador de Paredes sob efeito de analgésicos era melhor do que qualquer seriado de comédia. A começar por:

– Ei. Caroline. Eu já te falei o quanto te amo?

– Você sempre fala, amor, mas eu nunca me canso de ouvir.

– Vou falar mais vezes.

– Claro, Simon. Você pode me falar sempre que quiser.

– Ei. Caroline. Eu já te falei o quanto te amo?

– Sim, não faz nem um minuto.

– O que é um minuto?

Passando por…

– E no fundo da caverna era como se o mundo se abrisse, e tinha muitas estrelas… mas era como se… era como se nós fôssemos as estrelas… tinha um monte de estrelas, mas… a gente era as estrelas… e sabe o que mais?

– O quê, Simon?

– A gente era elas.

– Oi?

– Elas.

– Elas?

– As estrelas… a gente era elas… as estrelas…

Se você achou essa boa, olha essa aqui…

– Bebês. Eu quero encher você de bebês. Tipo, grávida de bebês, sabe? E ter alguns desses bebês. Bebês. Bebês. Caroline? Bebês.

E por fim…

– Caroline, estou tão feliz que você esteja aqui. Mas por que você trouxe tantos gnomos?

*

Meu estômago chegou a doer de tanta força que fiz para não rir das bobeiras de um Simon chapado de remédios para dor. À medida que o efeito desses remédios se tornou mais moderado, ele passou a falar coisas com mais sentido. Bebeu um pouco de água enquanto eu segurava o copo, sinalizando com a cabeça quando estava satisfeito.

– Vem, encosta aqui; você não pode ficar sentado assim por muito tempo – falei, insistindo para que ele se apoiasse no travesseiro. O médico tinha dito que Simon talvez sentisse tontura por algum tempo.

– Até que estou me sentindo bem agora. – Ele franziu a testa ao me ver espreguiçando. – E você, como está se sentindo? Não quer dormir um pouco?

– Eu dormi no avião.

– Mentira, você nunca dorme no avião. Pega em flagrante, sorri pesarosamente.

– Estou bem… De verdade. Me fala como você está. Está doendo tudo?

– Praticamente – ele admitiu.

– E a costela?

– Costela?

– Você fraturou uma costela e machucou outras várias.

– Sério?

Meus olhos se arregalaram.

– Do que você lembra?

– De tudo. Pelo menos eu acho que lembro... – Seus olhos se moveram enquanto ele buscava na memória. – Ah, sim, devo ter quebrado uma costela mesmo.

– Me fala tudo o que aconteceu. Agora mesmo. – Alcancei sua mão e a segurei com força. – E não se atreva a deixar nada de fora.

Ele me contou sobre a incrível caverna e sobre o significado de fotografar um espaço natural tão impressionante. E sobre a frágil estrutura de bambu em que ele precisava subir para tirar essas fotos fodas. E sobre o fato de que estava com pressa para aproveitar o último raio de sol antes de partir para outro local para tirar mais fotos. E sobre o fato de que não estava se sentindo inteiramente seguro na cadeirinha de rapel que havia concordado em usar. E sobre o fato de que ele rolou com a câmera por um penhasco de mais de quinze metros, desmaiando durante a queda e destruindo a maior parte do andaime de bambu. Simon se lembrava de ter rolado pela encosta, de ter se espatifado contra o chão da caverna, de ter protegido a câmera contra danos mais sérios. Inacreditável. Também se lembrava de ter certeza de que tinha conseguido tirar a foto.

Inacreditável em dobro.

Em algum ponto da história, comecei a chorar de novo; sentada ao seu lado na cama, eu segurava sua mão com força e não me atrevia a tirar os olhos dele. Olhei bem para seu rosto, suas mãos, seus braços, suas pernas, seus dedos dos pés, que se mexiam sob o cobertor. Toquei-o em todos os pontos de seu corpo que não tinham um corte ou um hematoma – ou seja, poucos

pontos. Tomei-o nos braços da melhor maneira que pude, acariciei levemente seu cabelo, beijei-o entre um arranhão e outro e disse que o amava. Não consegui me segurar. E, enquanto eu fazia isso, enquanto eu o reconfortava, Simon, sendo Simon, me abraçou tão apertado quanto era capaz e sussurrou frases como "Eu estou bem, amor" e "Vai ficar tudo bem" e "Não chore".

A parte sobre não chorar foi a gota d'água pra mim. Porque agora, abraçando-o tanto quanto seu estado permitia, finalmente fui arrebatada por todos os sentimentos que vinha tentando evitar desde a Califórnia: meu pânico, meu terror, minha desesperança, meu temor de passar o resto da vida sem ele, sem suas piadas, sem suas mãos-bobas.

– Eu te mato, você sabe disso, né? – Me desvencilhei de seu abraço e me empertiguei para encará-lo nos olhos. – Sério. Eu amo você, amo o que você faz e jamais pediria pra você deixar de fazer. Mas você não é um super-herói de desenho animado que pode se engalfinhar por puro hobby com um bando de leões só pra tirar a caralha de uma foto. Combinado? Se você fizer algo assim de novo, se machucar por causa de uma maldita fotografia, eu mesma te mato – falei enquanto apontava o dedo para ele. – Sem analgésico.

– Prometo que vou tomar mais cuidado. – Ele estava falando o que eu queria ouvir, sim, mas havia em seus olhos a promessa de que levaria aquilo a sério.

– Eu te amo tanto… – Entrelacei meus dedos nos seus, ainda sentindo necessidade de tocá-lo.

– Também te amo – ele falou em um tom mais carregado: a última dose de analgésicos estava começando a fazer efeito. – Estou feliz que você esteja aqui.

– É, eu queria voltar pro Vietnã mesmo. Estava pensando em explorar umas cavernas, o que acha?

Ele riu, o que fez suas costelas doerem, mas continuou sorrindo. O que me fez sorrir, finalmente.

*

Ao fim daquele longo dia, que para mim começara do outro lado do mundo, Simon estava se sentindo muito melhor. Ao fim daquela semana, recebeu alta do hospital. O cara tinha nascido com a bunda para a lua. Ainda precisava pegar leve – muito descanso e apenas atividades leves –, mas estava liberado. Os médicos recomendaram que ficássemos no país por mais alguns dias antes de tentar viajar para casa. Voar de avião depois de sofrer uma concussão, ainda mais uma tão grave quanto a que Simon sofreu, era algo que poderia provocar desconforto, na melhor das hipóteses. Na pior, enjoo e náusea. Por isso, tomei a decisão de ficar no Vietnã pelo tempo que fosse necessário até ele estar pronto para um voo tão longo.

Passamos a primeira noite na cidade, e no dia seguinte eu contratei um motorista e viajei com Simon para que ele pudesse se recuperar melhor. Em nossa última visita à Baía de Halong, tínhamos explorado uma ilha, e eu ficara fascinada pelas acomodações de lá. Um hotel minúsculo, remoto, isolado. Mais uma coleção de bangalôs de luxo do que um hotel propriamente dito, o lugar oferecia a paz e a tranquilidade que precisávamos. Cada bangalô se situava na praia, cercado pela visão do mar. As camas eram suntuosas (e equipadas com a indispensável rede contra mosquitos), os banheiros eram em estilo europeu, o serviço de quarto era vinte e quatro horas. A viagem de carro levou poucas horas, seguida por uma curta travessia de barco.

Assim que aportamos, fiz questão de garantir que todas as malas seguissem direto para o bangalô. Depois, Simon e eu nos dirigimos à recepção para fazer o check-in.

– Isso é incrível, amor, mas não precisava. A gente podia ter ficado na cidade, não teria problema nenhum.

– Eu sei disso, Simon, mas, já que estamos aqui e você passou por esse acidente terrível, pensei que podíamos aproveitar um pouquinho. Ter alguns dias de descanso e tranquilidade antes de voltar pra casa.

– Uma pré-lua de mel? – ele falou, trazendo meus quadris contra os seus, as mãos pousadas levemente em minha cintura.

– Algo assim. – Sorri e balancei a cabeça. – Mas essa lua não vai ter mel.

Você ouviu o que o médico disse.

Simon resmungou. O médico havia muito delicadamente sugerido que era melhor esperarmos a plena recuperação de Simon para fazer certas coisas. Considerando a costela quebrada e o buraco na cabeça, eu estava totalmente de acordo. Simon, nem tanto.

– É o que vamos ver. Mais tarde, quando a brisa começar a soprar e as ondas começarem a se alastrar pela areia, você vai mudar de ideia – ele murmurou, afastando meu cabelo para dar um beijo em minha nuca. – Você sabe que eu fico irresistível sob o luar. Você vai querer arrancar minha roupa.

– Uh, é, essa é sua chave, senhorita Reynolds.

Senti que Simon se retesou atrás de mim e sorri para o funcionário da recepção.

– Muito obrigada. – Contive uma gargalhada.

– O bangalô dos senhores é o número sete; é só seguir por esse caminho. A bagagem já está lá.

– Obrigado – Simon falou, ainda atrás de mim, e desta vez eu não contive coisa nenhuma.

Peguei a chave e minha bolsa, tomei Simon pela mão e o conduzi em direção à praia. Já era fim de tarde, quase noite, e a luz estava começando a mudar, a adquirir aquela incandescência mágica típica do crepúsculo, quando os contornos se suavizam, as cores se misturam, e mesmo o ar parece se transformar. Uma brisa quente soprava do oceano e trazia consigo um gosto de sal, que roçou minha língua. Passamos por seis outros bangalôs no caminho de pedras antes de fazer uma curva e avistar o nosso. Iluminado por velas, com as cortinas de linho entufando-se nas janelas, era o céu. O céu… com o bônus do ar-condicionado. O que, nos trópicos, era algo muito bem-vindo.

– Não temos vizinhos! – disse Simon, investigando o trecho da praia que nos fora reservado.

De fato, não havia vivalma além de nós. Aqui e ali, via-se através das árvores alguma luz que sugeria a presença de humanos, mas, tirando isso, éramos nós dois e as ondas.

– Vamos entrar pra ver – falei, puxando-o pela mão até a varanda. A porta da frente, ricamente esculpida, era ladeada por duas poltronas com cara de confortáveis. – Toma a chave, vai abrindo. Vou ver se essas poltronas são tão gostosas quanto parecem.

– Claro. – Simon pegou a chave e a girou na fechadura. Antes que ele abrisse a porta, no entanto, ela foi aberta por dentro. – Que po…

Benjamin estava no vão da porta. Jillian, ao seu lado. Os dois sorriam.

– Ei, como vocês ent… O que está rolando aqui? – Simon indagou, o olhar passando dos dois para mim, de mim para os dois.

Eu tinha um sorriso maroto no rosto.

– Como é bom ver você inteiro! – falou Benjamin, puxando Simon para um abraço enérgico. – Nunca mais faça isso, você está me escutando?

– Sai, sai – disse Jillian, afastando o marido para o lado e passando os braços em volta de Simon. – Estou tão, tão aliviada que você esteja bem! Você vai prometer que nunca mais vai pisar numa caverna!

– As costelas, as costelas – protestou Simon, confuso e também feliz por vê-los. – Agora, sério, o que vocês estão fazendo aqui?

– A gente veio trazer algumas coisas pra Caroline. Ela saiu correndo que nem o Bolt quando soube que você tinha resolvido explorar a caverna com a própria cara. Você tem uma noiva bem teimosa! – disse Benjamin, passando um braço sobre os ombros de Simon e conduzindo-o de volta à areia. – Vamos até o nosso bangalô, é ali no final da praia. Vamos deixar as moças ficarem à vontade.

– É… Tá bom, claro. Tudo bem por você, Caroline? – perguntou Simon, ainda confuso.

– Vai lá. A Jillian trouxe umas roupas e outras coisas pra mim. Vou bater um papo com ela e depois a gente janta no hotel, pode ser? – Caminhei até a beirada da varanda para dar um, dois beijos nele.

– Claro, amor. Você sabia que eles vinham?

– Sabia. – Três beijos. – Surpresa.

– Você é meio que sensacional, sabia?

– Sabia. – Fiz que sim com a cabeça e o girei. – Agora vai se divertir com o Benjamin. A gente se vê já, já.

Os dois seguiram pela praia, e eu me virei para Jillian.

– Muito obrigada por viajar até aqui.

– Sem problemas. Eu sempre quis conhecer essa parte do mundo. E o Benjamin estava ficando maluco de preocupação. Ele não estava lidando bem com o fato de não estar aqui. – Jillian entrelaçou um braço no meu e me conduziu para dentro do bangalô. Então me passou uma bolsa que tinha pegado na minha casa.

– Você trouxe? – perguntei, abrindo o zíper.

– Trouxe. – Ela anuiu e me viu tirar da bolsa um longo e esvoaçante vestido.

Um longo e esvoaçante vestido branco.

– Perfeito.

*

Uma hora mais tarde, Simon e Benjamin saíram do bangalô e depararam comigo e com Jillian à sua espera.

– Ei, onde vocês est… Uau! Você está deslumbrante! – Simon falou, assobiando.

Em meu vestido branco, agradeci o elogio, tomei sua mão e o guiei em direção à praia, deixando nossos amigos para trás.

– O que está acontecendo? A gente não vai jantar com os dois? – perguntou Simon.

– Não agora – falei, mirando a praia e avistando algumas velas e uma ou duas tochas de bambu. – Quero conversar com você antes.

– O que você está tramando, Caroline? – Ele me encarou desconfiado.

– Comprei este vestido há mais ou menos um ano, em uma butiquezinha em Mendocino, durante uma visita à Viv. Estava indo embora e, quando parei em um sinal, vi na vitrine. Não consegui tirar os olhos dele. E mesmo sem nenhuma razão especial para usá-lo, sem saber por que estava fazendo aquilo, o comprei, sem nem experimentar. Nem serviu direito. Precisei levar em uma costureira pra descer a barra; era curto demais pra mim. A costureira falou que era um vestido vintage, provavelmente dos anos trinta.

– Ficou lindo em você. – Simon me afastou à distância de um braço para me contemplar. – Dá uma voltinha pra mim.

Eu ri e dei uma voltinha para ele. O vestido era cor de marfim; o corpete era adornado com uma renda antiga; a saia, revestida com uma fina malha rendada. Um vestido para o dia, para um passeio preguiçoso na cidade, ou para uma viagem ao campo. Pensado, provavelmente, para ser usado com meia e um oxford. Eu o estava ostentando descalça. E foi sobre aqueles pés nus que puxei Simon novamente pelo caminho que levava à praia.

– Quando o Benjamin me contou que alguma coisa tinha acontecido com você, eu entrei no modo de contenção de crise. Meu único pensamento era chegar até você, estar do seu lado. Estar tão longe de você, sem saber exatamente o que tinha acontecido, sem saber o que eu podia fazer pra te ajudar… Não sei colocar em palavras o que senti. O que senti com a possibilidade de perder alguém que amo tanto… – Me detive no ponto em que o caminho de cascalho se encontrava com a areia. – E não preciso colocar em palavras, porque você conhece bem esse sentimento.

Sua expressão se tornou grave, e Simon agarrou minhas duas mãos.

– Caroline, eu sinto muito que você tenha passado por isso.

– Não, está tudo bem. De verdade. – Dei um passo à frente e passei seus braços em torno da minha cintura. – Sabe por quê? Porque isso me obrigou a passar horas dentro de um avião sem nada pra fazer, sem ninguém com quem conversar, e meu único pensamento era você. Nós. E o quanto eu te amo. – Conduzi-o, ou melhor, empurrei-o de costas pela areia. – Também pensei bastante em outra coisa.

– Que coisa? – Ele ergueu uma sobrancelha.

– Espuma de alho – respondi, e o virei de frente para a praia. Adoro quando meu Trepador de Paredes fica sem palavras.

Centenas de velas. Tochas de bambu bailavam até onde a vista alcançava. Lamparinas em tons de violeta, índigo, esmeralda e rubi oscilavam ao sabor da brisa. As marolas do entardecer se deitavam preguiçosamente sobre a areia. Distante, a lua começava a derramar seu brilho sobre a Baía de Halong e suas ilhas ancestrais, com seus cumes cobertos de névoa e de musgo. E diante

de nós? Um caminho, um corredor delimitado por velas votivas… ao fim do qual se achavam Jillian e Benjamin. Ao lado deles, o equivalente vietnamita de um juiz de paz.

– Casa comigo, Simon. Aqui, agora, sem blá-blá-blá, sem enrolação. Casa comigo diante dos nossos dois amigos e mais ninguém. Sem pais, sem colegas de trabalho, sem clientes, sem aquela frescura de crosta de pimenta, só você, eu e as estrelas. Eu passei uma noite inteira em uma cabine imaginando se voltaria a sentir os seus olhos em mim, e eu não aguento passar por isso de novo se não for como sua esposa pelo menos. E eu não poderia me lixar mais pra um casamento grandioso se você tiver que abrir mão da espuma de alho. Que, eu gostaria de assinalar, está à sua espera no hotel, sobre camarões gigantes, no que espero ser nosso jantar de casamento. Eu quero você, só você, pelo resto da minha vida – falei, os lábios trêmulos mas os joelhos firmes. – Casa comigo, Simon.

Ele parou, e o canto de sua boca se ergueu diante do cenário de conto de fadas que se descortinava diante de seus olhos. O conto de fadas que nos cabia, que era certo para nós. Nesse dia tão importante.

– Uma pergunta – falou Simon, erguendo nossas mãos entrelaçadas até seus lábios e pousando um beijo no anel de noivado.

– Manda.

– Como assim você passou uma noite em uma cabine?

– Jura? Acabei de te pedir em casamento e foi esse o trecho da minha fala que chamou sua atenção?

– Tecnicamente, eu te pedi em casamento primeiro. Jamais nos esqueçamos desse fato crucial.

– Justo.

– Posso fazer outra pergunta?

– Só mais uma, e depois eu exijo uma resposta.

– Por acaso isso tem valor legal?

Soltei uma gargalhada e então puxei seu rosto para um beijo suave.

– Nem um pouco. Isso é só pra nós dois.

– Você sabe que me deve uma, não sabe, Garota do Baby-Doll?

– Isso é um sim?

– É claro que é um sim. Vamos casar – ele sussurrou, e eu lancei meus braços em volta de seu pescoço. – Só toma cuidado com as costelas.

– Merda! – exclamei, e Benjamin pigarreou. – Porra, acabei de soltar um palavrão no meu próprio casamento. Porra, de novo!

– Já são três.

– Calado, Trepador de Paredes.

Após essas palavras reverenciais, nós dois percorremos o corredor. Trocamos os mais simples votos. Prometemos um ao outro tudo o que podíamos prometer.

Nos beijamos sob as estrelas. Cumprimentamos com high-fives nossas testemunhas ao percorrermos de volta o corredor. Cortamos a fita de mais ou menos cinquenta lanternas chinesas

e as lançamos ao céu. E entramos para comer espuma de alho.

Porque meu marido queria comer espuma de alho.

*

Mais tarde naquela noite, no leito nupcial…

– Nossa, isso é sensacional. Não para de fazer isso que você está fazendo, aí mesmo, não para. Exatamente aí. Nossa, isso é… Hummm!

– Quantas já foram?

– Perdi a conta.

– Essa é a maior até agora.

– Estou sentindo. Meu Deus, como é bom… Continua… Continua… Continua.

– Se a gente continuar assim, vai acabar com a calamina já, já.

Uma consideração sobre se casar em um paraíso tropical: pernilongos. Filhos de uma puta. Simon e eu passamos a noite do casamento coçando as picadas um do outro e nos besuntando de calamina. E, com Simon ainda na lista de incapacitados sexuais, ficamos de conchinha, nos coçamos e vimos Os Goonies. Com legenda.

Melhor lua de mel de todas.

*

– Caroline, você aceita este homem, Simon, como seu legítimo marido, para amá-lo e respeitá-lo, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, até que a morte os separe?

– Aceito.

– E você, Simon, aceita esta mulher, Caroline, como sua legítima esposa, para amá-la e respeitá-la, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, até que a morte os separe?

– Aceito.

E assim legalizamos a coisa. Simon e eu recebemos nossos amigos e familiares favoritos em nossa casa, em Sausalito, junto com um juiz cuja residência eu havia reformado. Simon vestiu jeans, e eu, um vestido de verão, e nós nos casamos pela segunda vez. Agora com a sanção do governo norte-americano. Se meus pais ficaram desapontados por não terem realizado o casamento cheio de pompa e circunstância que tinham planejado? Um pouco, talvez, mas acabaram entendendo. Mimi e Sophia também. E entenderam os motivos que nos levaram, Simon e eu, a contar sobre nosso casamento vietnamita só depois que já estávamos em solo norte-americano.

Mantivemos a data original do casamento e cortamos a lista de convidados em dois terços; com exceção dos antigos amigos de Simon e dos White, que vieram da Pensilvânia, todos os presentes viviam na região. Ok, na região norte da Califórnia, o que engloba dezenas de condados. Viv e Clark compareceram e trouxeram Will, irresistivelmente fofo em um macacãozinho com estampa de smoking. Chloe e Lucas, na cidade para visitar Sophia e Neil, também foram. E você não vai acreditar: Chloe e Clark eram primos! O Trepador de Paredes comprovando a teoria dos seis graus de separação. Fiquei muito feliz de receber todas essas

pessoas em um dia tão especial. Em um dia tão leve, descontraído. Porque, no fim das contas, um casamento não se faz de véus e grinaldas: se faz, sim, dos noivos dizendo seus "aceitos" e dos amigos e familiares celebrando com eles. Fizemos um churrasco, abrimos incontáveis vinhos e cervejas, improvisamos uma praça de sundaes e milk-shakes, antiga tradição norte-americana, demos uma festa. Levamos o velho toca-discos de Simon para o quintal, ele fez alguma nerdice com as caixas de som, e a noite de Sausalito foi preenchida pelo ritmo das big bands.

Não houve bolo de casamento; em vez disso, eu tinha passado dois dias inteiros na cozinha com minha mãe, minhas amigas, minhas tias e minhas primas fazendo fornadas e mais fornadas do Brownie Escandaloso da Ina. Ela teria ficado orgulhosa. E fiz uma torta de maçã só para Simon. Não tivemos bolo, mas tivemos torta na cara de casamento[iii]. Justo.

Me sentei em um banco no quintal para comer brownies com Mimi e Sophia e ver nossos meninos jogando Frisbee com Benjamin e os amigos de Simon dos tempos de colégio. Eu tinha segurado Mary Jane no colo até que Sophia precisara assumir o posto. Alguém estava com fome.

– Definitivamente, não é o casamento que eu tinha em mente, Caroline – disse Sophia, trocando de peito. – Mas está bem divertido.

– Divertido está de bom tamanho. O casamento chique eu deixo pra você.

Como estão os preparativos?

– Estão ótimos! O fichário não para de crescer – Mimi se intrometeu. Ela estava considerando seriamente a ideia de começar um segundo negócio, e com razão: a mulher era boa naquilo. – Por falar nisso, Sophia, preciso sentar com você pra mostrar fotos de penteados. Já faz semanas que estou recortando revistas. Você já notou que a Grace Sheridan tem um cabelo exatamente da mesma cor e do mesmo tamanho que o seu? O dela é um pouco mais ondulado, mas são praticamente iguais.

– Quem é Grace Sheridan? – indagou Sophia, e Mimi e eu a encaramos espantadas.

– Você com certeza sabe quem é – afirmei, balançando a cabeça. – Ela faz aquele seriado na TV.

– Eu com certeza não sei quem é. Vila Sésamo e as transmissões do Neil: é só o que eu assisto hoje em dia. Meu cérebro derreteu. – Sophia balançou a cabeça me imitando.

– Já sei como resolver isso – falou Mimi. – Ela é namorada do Jack Hamilton.

Sabe, o…

– O Inglês? Opa, agora estamos falando a mesma língua. Aquele cara é gostoso pra caralho. A gente precisa ir ver o novo filme dele que vai sair; os meninos ficam cuidando da Mary Jane enquanto a gente se delicia com aquela perfeição britânica – disse Sophia, já armando a noite das meninas.

– Tá, ela namora o Jack Hamilton, mas o ponto é que tem um cabelo lindo. Exatamente do mesmo tom de ruivo que o seu. Achei uma foto dela no tapete vermelho que…

Incapaz de se conter, Sophia interrompeu Mimi novamente:

– Daquela vez que ela foi com o Jack no tapete vermelho? Ahhh! Fiquei doida com aquilo! Estava todo mundo comentando sobre quem seria a misteriosa namorada dele, lembra?

– A gente estava falando do cabelo dela! Me escuta! É o coque perfeito pra…

– Que mané coque! Eu quero falar do cabelo do Jack; ele sempre está com um cabelo de quem acabou de meter, repara! Será que eles transam na limusine antes dos eventos…

– Para, pelo amor de Deus! Para! Que coisa, o foco aqui é penteado para o casamento e…

Passei a basicamente ignorar as duas, bebendo minha cerveja e entreouvindo com uma orelha a calorosa discussão sobre coque versus cabelo solto e com movimento. Já a outra orelha sintonizou o Glenn Miller que passou a estalar nas caixas de som. Não demorou muito para que Simon aparecesse.

– Senhora Parker? – ele falou, estendendo uma mão.

– Senhor Reynolds. – Pisquei e me levantei. – Tchau, meninas.

– Tchauzinho – elas falaram em uníssono, e eu segui meu marido até a pista de dança improvisada.

Inspirados por nossa primeira – embora legalmente inválida – cerimônia, tínhamos pendurado várias lanternas no quintal dos fundos, para reviver um pouco da magia da Baía de Halong.

– Você está feliz? – Simon me perguntou enquanto me rodopiava pelo piso de tijolinhos.

– Extasiada. E você?

– Muito. Ainda mais depois de ter falado com meu médico hoje.

– Sério?

– Sério, amor. Estou em ponto de bala – ele sussurrou e me puxou para si. Menina. Ele não estava mentindo.

– Oh, olha quem está aqui – murmurei, esgueirando uma mão para apalpar aquilo que estava comprimindo minha coxa. – Hum. Uou. Você está, tipo, muito, muito, muito duro, Simon.

– Oi? Não, isso é uma garrafa no meu bolso! – Ele caiu na gargalhada e tirou do bolso da frente uma garrafinha de vidro. Graças a Deus, pois Simon não estava apenas assustadoramente duro, estava também… Hummm… Como posso dizer? Consideravelmente menos grosso.

– Por que você está carregando uma garrafa por aí?

– Estava pensando em guardar um pouquinho de terra, talvez dali do gramado, pra colocar junto com nossas outras garrafinhas. Sei que não é areia, mas esta noite precisa estar representada lá.

Sorri e falei que era uma excelente ideia. Anos antes, Simon tinha começado a colecionar areia das praias que visitava ao redor do mundo; ele guardava a areia em pequenas garrafas etiquetadas, que ficavam em uma estreita prateleira. Depois, eu e ele começamos uma segunda prateleira, dedicada às praias que visitamos juntos. Como eu tinha trazido um pouco da areia sobre a qual nos casamos no Vietnã, fiquei tocada por ele ter pensado em valorizar a noite de hoje também. Mas, voltando ao bolso…

– Estou gostando do rumo que esta noite está tomando – falei, esfregando meus quadris nos seus, onde outra coisa começou a tomar forma. Uma coisa definitivamente maior do que uma garrafinha. – Quanto tempo você acha que a gente demora pra expulsar todo mundo daqui? – perguntei em tom de brincadeira (mas com fundo de verdade).

– Eles vão embora assim que a costelinha acabar, não é assim que funciona?

– Cara, a gente é muito classudo. Servindo costelinha no casamento.

– E maionese de batata. Não se esqueça da maionese de batata.

– E torta.

– A torta estava maravilhosa. Nunca pare de fazer aquela torta. Merda, eu devia ter escrito isso nos meus votos. – Simon me arqueou quase até o chão, e eu ri de cabeça para baixo.

E ali, no nosso quintal, diante de todos que amávamos, ele me beijou. Meu marido.

*

– Que zona.

– Eu acho que um dos presentes de casamento que as pessoas deveriam dar é ajudar a limpar depois – resmungou Simon, analisando o estrago na cozinha.

– Acho que não colocamos isso na nossa lista de presentes, amor. – Dei um tapinha em seu ombro a caminho da sala de jantar. Que no momento era um centro de distribuição de presentes de casamento.

– Mas veja pelo lado bom: agora nós temos o que há de mais moderno em matéria de mixers, facas elétricas e… Que porra é essa? – perguntei, erguendo uma caixa branca.

– Um Sr. Bacon – Simon falou cheio de orgulho.

– Quem é o senhor Bacon?

– Não! Sr. Bacon. Você usa pra fazer bacon.

– Essa parte eu entendi. Mas por que alguém precisaria disso?

Todos os gatos da casa se juntaram sobre ou sob a mesa de jantar. Eles distinguiam a palavra "bacon". Eles compreendiam o significado da palavra "bacon". Eles amavam bacon.

– Você usa pra fazer bacon no micro-ondas, não dá trabalho nenhum. E esse copinho aqui serve pra moldar o bacon no formato de uma torta! Assim você tem uma crosta de bacon que pode rechear com o que quiser! É ou não é pra ficar de bacon a vida?

– Sério, Simon? Sério mesmo? E quem foi o ser que comprou isso pra gente?

– Trevor e Megan.

– Impossível! A Megan jamais nos daria isso de presente de casamento. Ela trabalhava no Food Network, cara.

– Na verdade, eles compraram dois presentes. Também deram aquelas travessas brancas da Williams-Sonoma que você tanto queria.

– Essa é minha garota! – louvei, dando outra olhada na caixa que Simon agora acariciava. – Isso foi coisa do Trevor.

– Você pode ficar aí falando mal do Sr. Bacon, mas isso não vai resolver essa zona.

– E se a gente der uma festa pós-festa de casamento? Convidamos as mesmas pessoas e as colocamos pra limpar, que tal? Assim a gente não precisa passar nossa lua de mel trabalhando – sugeri, e a expressão de Simon se acendeu.

– É mesmo. Por que estamos perdendo tempo com bacon em plena lua de mel?

– Foi você que…

Fui silenciada por um beijo; Simon tinha atravessado a cozinha em duas passadas, me puxado para ele e pressionado sua boca contra a minha. Me aticei instantaneamente.

– Tem certeza? – perguntei, sem fôlego com o beijo de língua.

– Você não está falando sério, está? – ele indagou com uma voz grave e inacreditavelmente sexy enquanto percorria com beijos meu maxilar em direção ao meu pescoço. Quando seus lábios alcançaram a parte de baixo do meu queixo, fiquei absolutamente entregue. – Eu não aproveitei a noite do nosso primeiro casamento; isso não vai se repetir no segundo.

– Mas vamos devagar, combinado? – Insisti conforme ele me conduzia de costas para a escada. O médico o tinha liberado, sim, mas não era por isso que a gente precisava se pendurar no lustre.

– Eu gosto devagar – Simon murmurou, cravando a mão em minhas costas.

– A gente começou devagar, afinal de contas… – Deixei escapar um suspiro quando seus lábios encontraram o ponto fraco sob minha orelha. Estávamos subindo a escada agora, apagando as luzes no caminho e nos beijando como dois adolescentes.

– Não foi bem assim, se me lembro bem… – No topo da escada, ele me virou de frente para o corredor e me conduziu. Seus braços estavam em torno da minha cintura, e sua boca roçava minha orelha, provocando uma cócega deliciosa.

A cerveja tinha me deixado um pouquinho alegre, mas não a ponto de poder ser engambelada.

– A gente começou devagar, sim! Fomos amigos primeiro. Aliás, fomos amigos por um bom tempo – recordei, me detendo na entrada do quarto e impedindo-o de entrar.

– Não é assim que eu lembro das coisas. Na minha memória, desde o começo a gente teve algo bem diferente de uma amizade. – Simon mordiscou o lobo da minha orelha. Mais especificamente, mordiscou o que pendia do meu lobo. Seu presente de casamento para mim.

Quando eu acordara naquela manhã, descobrira uma caixa de joia sobre o travesseiro no qual geralmente ficava a cabeça de Simon. Olhei ao redor para descobrir o que ele estava tramando e o escutei escovando os dentes. Como já nos sentíamos casados desde a celebração na praia, não havia qualquer coisa do tipo "não pode ver a noiva antes do casamento", e eu o queria na cama comigo.

– O que é isso? – perguntei, recostando a cabeça no meu travesseiro e puxando o edredom sobre mim.

– Ó ua oinha a ia oia – foi a resposta que recebi.

– Acho que vou esperar você cuspir, amor – foi a resposta que dei. Ele cuspiu e depois se juntou a mim na cama.

– Só uma coisinha pra minha noiva – Simon repetiu.

– Mas a gente tinha combinado sem presentes! – protestei.

Tínhamos conversado sobre isso e combinado que não faríamos nada de especial.

– Ah, abre logo isso, vai! – ele ordenou, e eu obedeci. Azuis. Cintilantes. Candentes.

Brincos. Brincos pendentes de diamantes e safiras, exatamente da cor de seus olhos. Safiras

em forma de gota pendiam de uma delicada base incrustrada de diamante.

– Simon, o que você fez? – arquejei, a mão tremendo.

– Eu pensei comigo que isso representa algo velho, porque é velho mesmo; algo novo, já que é novo pra você; algo azul, por motivos óbvios; e algo emprestado, embora tecnicamente não seja, já que agora é seu, mas vamos considerar que você está pegando emprestado permanentemente.

– De quem? – sussurrei, já sabendo a resposta.

– Da minha mãe – Simon respondeu, e meus olhos se encheram de lágrimas.

– É impossível te amar mais do que eu te amo agora. – Puxei-o para um beijo cheio de ternura.

– Você gostou?

– Eu amei.

Imediatamente coloquei os brincos e não os tirei pelo resto do dia. Até este momento, em que um Trepador de Paredes mordiscava minha orelha no vão da porta.

– Se eu lembro bem, você me odiou quando nos conhecemos – Simon falou, passando da minha orelha para minha nuca enquanto afastava meu cabelo.

– Eu não odiei você; você só não se tornou minha pessoa favorita logo de cara

– admiti, relembrando a ocasião em que ele abriu sua porta depois que eu quase a amassara de tanto bater. – Eu estava em abstinência de sono!

– Você estava em abstinência de outras coisas também, amor. – Ele roçou meu ombro com seu nariz, suas mãos se encheram de tecido e ergueram meu vestido até meus quadris. – Tenho certeza que você estava sentindo falta disso. – E Simon colocou uma mão sobre minha vagina. Envolvendo-a por completo.

Meu corpo reagiu como sempre reagia: rendeu-se totalmente.

– Eu realmente estava sentindo falta disso. – Afundei minhas mãos em seus cabelos negros e grossos e entrelacei alguns cachos na ponta dos dedos. – Mas você me deu de volta.

– Nós pegamos de volta – Simon me corrigiu e então me empurrou para dentro do quarto.

– Nós. Eu gosto desse nós – gemi, sentindo a cama na parte de trás dos meus joelhos.

Desde que tínhamos começado a namorar, Simon e eu nunca havíamos ficado tanto tempo sem sexo. Novamente subordinado a suas mãos, meu corpo se avivou. Eu arranquei sua calça, ele arrancou meu vestido. Eu tirei seus tênis, ele me livrou do sutiã. Suas mãos foram preenchidas pelos meus seios, intumescidos, sensíveis. E Simon tirou com os dentes minha liga de perna, não sem deixar um rastro de beijos escancarados.

Quando finalmente estávamos nus, enroscados e ofegantes, sentei na cama e rastejei até a cabeceira.

– Aonde você pensa que vai, Caroline? – ele perguntou, engatinhando sobre a cama até mim.

– Achei que seria uma boa ideia segurar firme agora – provoquei, arqueando uma sobrancelha e também as costas e me segurando na cabeceira de ferro.

– Assim que eu gosto. – Ele me cobriu com seu corpo, constituído de membros longos e

músculos fortes, e eu passei as pernas em torno de sua cintura.

– Eu te amo, Simon. Eu te amo tanto! – Alisei seu cabelo e segurei seu rosto entre minhas mãos.

– Eu também te amo, senhora Parker – ele falou olhando nos meus olhos e então me penetrou.

Nossos corpos se acomodaram um ao outro, se lembraram um do outro, projetados artesanalmente para se encaixarem. Nossos corpos se ataram e se sincronizaram. Simon permaneceu completamente imóvel por um instante, para me sentir envolvendo-o em todos os sentidos.

– Como eu senti saudade de você – murmurou, a voz cheia da deliciosa tensão de se conter, de ir devagar, de não se machucar.

Naquela noite, a noite do nosso casamento, nós aprendemos o encanto que havia em ir com calma, com excessiva calma, com precisão, com um esforço distenso. Corpos com movimentos contidos, um doce suor acumulado entre nós, ajustes, reajustes, um gozo comungatório e tranquilo.

Tranquilo. Lento.

Terno. Perfeito.

Nossa primeira vez depois de oficialmente casados foi romântica, foi maravilhosa.

Já a segunda vez?

Simon não se aguentou. Não deixou pedra sobre pedra. Os quadris furiosos, os braços descontrolados, me mordeu, me lambeu, me chupou, me fodeu. Mãos entrelaçadas, mãos novamente na cabeceira da cama.

– Acredite, você vai querer se segurar firme agora, Garota do Baby-Doll. E ele tinha razão.

*Tum*.

– Ai, meu Deus!

*Tum, tum*.

– Meu Deus!

Porra, como eu amava aquele homem.

E continuaria amando pelo resto da minha vida. Da nossa vida. Porque o Trepador de Paredes era o único capaz de me fazer gozar um final feliz.

…

…

… Uhum.

# EPÍLOGO

Eu tinha ouvido o Altão e a Alimentadora falando algo sobre limpar. Não entendi o motivo. Depois de repetirem sem parar a palavra “bacon” em uma clara e gratuita provocação, o mínimo que eles podiam fazer era deixar para mim as costelas e os petiscos que sobraram de sua celebração.

Encontrei uma bandeja cheia de petiscos deliciosos e anunciei às minhas garotas que havia caçado um verdadeiro banquete para elas. É da minha natureza cuidar daqueles que vivem comigo, especialmente de minhas donzelas. Em troca do lar que eu lhes proporcionava e, claro, da proteção contra inimigos incansáveis, como Aspirador de Pó, Triturador e Caminhão de Lixo, meu trio me mantinha devidamente lambido e satisfeito. Se é que você me entende. Acho que entende.

Enquanto minhas damas se refestelavam com um bife particularmente saboroso, retornei à minha missão original. Normalmente, eu evitava latas de lixo – efeito de uma juventude desperdiçada atrás de cotonetes e bolas de algodão. Essas inúteis porém divertidas perseguições nunca terminavam bem. No entanto, algo tinha chamado minha atenção no andar de cima, no lugar que a Alimentadora e o Altão usavam como sua caixa de areia.

Atravessei silenciosamente o quartel do sono dos dois; percebi que eles estavam apenas cochilando. O Altão tinha passado o dia com aquela cara que eu conheço bem: cara de quem vai fazer a Alimentadora miar a noite inteira. Mas isso não importava agora; havia um peixe grande à solta. Hummm, peixe...

Me esgueirando para dentro da caixa de areia dos dois, fui direto para a lata de lixo. Bati nela com inigualável graciosidade para despejar seu conteúdo, que se espalhou no chão. Revolvendo os Kleenex, um frasco de comprimidos vazio, uma bola de algodão desgraçada (que decidiu fugir de mim e com isso me fez perder vinte minutos), deparei com o estranho item.

Completamente envolta em papel higiênico, como que para me dissuadir, havia uma caixa com um comprido taco dentro. O taco possuía um peso bacana e se encaixava bem na boca; seria um bom apetrecho para nossa disputa de hóquei felino. Abocanhando-o pela extremidade chata, caminhei até o outro aposento e subi silenciosamente na cama. Escalei pernas e joelhos e cotovelos e braços e me aninhei entre a Alimentadora e o Altão e depositei meu taco ao lado; eu o usaria mais tarde.

Tinha sido um dia cansativo. Já fazia quase uma hora que eu estava acordado; a soneca estava chamando. Examinei o taco novamente e notei que em uma das extremidades havia um curioso símbolo. Duas linhas que se cruzavam no centro. Hum... Resolvi deixar o mistério de lado por ora e estiquei as patas para tocar meus dois humanos de estimação. Isso parecia confortá-los. E, afinal, esse era meu trabalho: garantir continuamente o conforto dos dois.

O Altão ficou meio agitado; era melhor eu dormir antes que ele acordasse e resolvesse perturbar a Alimentadora.

Fechei os olhos e dormi instantaneamente. Bem-aventurado. Feliz. Alegre. Porque em meus sonhos havia restos de costelinha que davam para dias e dias…

*

– O que é isso na cama? Clive? O que você tr… Hum?

– Que foi? – A Alimentadora bocejou. Longo silêncio…

– Caroline? Por acaso tem alguma coisa que você quer me contar? Silêncio mais longo ainda…

– Então, Simon. Por acaso, tem…

# AGRADECIMENTOS

A história de Simon e Caroline começou em algum momento de 2009. Eu fazia parte de uma comunidade de escritores, leitores, blogueiros e malucos de toda espécie chamada Twilight Fan Fiction. Algumas de vocês talvez me leiam desde esse tempo; outras só embarcaram muito depois que o trem partiu dessa estação. Menciono isso agora, enquanto dou os toques finais em Contra as paredes, porque tenho convicção de que foi essa comunidade que me colocou no caminho em que me encontro hoje.

Certa vez, em uma entrevista, me perguntaram qual era o livro que tinha mudado a minha vida. Lembram daquele episódio de Friends em que as garotas e os garotos competem para saber quem conhecia mais sobre os outros? A pergunta foi: "Que filme a Rachel alega ser seu favorito?"; a resposta: "Ligações perigosas". A pergunta que se seguiu: "E qual é o filme favorito dela de verdade?". "Um morto muito louco."

Então, Alice Clayton, qual é o livro que mudou a sua vida? Talvez eu devesse dar uma resposta superprofunda e sabichona; algo que jogasse luz sobre meu espírito e me provasse uma literata incrivelmente culta. Mas o fato é que Crepúsculo é um livro bom pra cacete. E realmente mudou a minha vida. Se a pergunta tivesse sido: "Qual é o seu livro favorito?", eu teria respondido A dança da morte, de Stephen King. Amo. Releio todo ano, sem falta. Mas não mudou minha vida, enquanto Crepúsculo, por mais estranho que isso seja, mudou.

Quando encontrei essa comunidade de fan fiction, meu vício em Edward foi aplacado, claro, mas não só isso: ela me mostrou que talvez eu fosse capaz de contar uma história. Criar meu próprio mundo, contar algumas histórias bobinhas, satisfazer a safadinha que existe dentro de mim. E foi demais! Conheci pessoas que acabaram virando minhas melhores amigas. Mas o que realmente aconteceu, em um sentido muito mais amplo, foi que eu acessei um lado criativo do meu cérebro que tinha sido silenciado por anos. Isso me fez liberar minha faceta boba, maluca, e redescobrir a Alice Insana. E tem sido a melhor fase da minha vida.

Subindo pelas paredes [Wallbanger] já foi traduzido e publicado em diversos países e continentes. Daqui a algumas semanas, a sortuda aqui vai atravessar o oceano para autografar livros em Praga, cara. PRAGA, PORRA! Uma cidade que eu sempre sonhei em conhecer. E acabei de começar a trabalhar em uma série novinha em folha – um pouco mais dessa coisa bobinha/ardente, engraçada/smexy que não sai da minha cabeça. Fiquem ligadas, crianças; vem mais gente pelada por aí. Eu não vejo a hora!

Agora, sentada aqui, dando os toques finais nesta história que começou há tanto tempo em salas de bate-papo e pequeninos banners, sinto uma tristezazinha. E uma gratidão enorme. E uma empolgação incontrolável com o próximo capítulo da vida maravilhosa que estou vivendo.

E pensar que tudo começou com uma adolescente de moletom e uma vampira virgem de 107 anos.

Obrigada!

Bjs! Alice

# SOBRE A AUTORA

Depois de muito tempo trabalhando como maquiadora e esteticista, aos 33 anos Alice Clayton ligou o seu laptop com a intenção de começar uma nova carreira: a de escritora. Sem nunca ter elaborado nada além das rotineiras listas de supermercado, ela descobriu na escrita a animação que procurava desde os 10 anos, quando deixou de lado as aulas de teatro. Já com seus primeiros romances, foi indicada ao prêmio Author em 2010. Mas foi com a série Cocktail, da qual fazem parte *Subindo pelas paredes*, *Arranhando as paredes*,

*Derrubando as paredes*, *Estremecendo as paredes* e *Contra as paredes*, que seu trabalho ficou mundialmente conhecido. Alice mora no estado de Missouri, nos Estados Unidos. Gosta de picles, Bloody Mary, oito horas bem-dormidas e uma boa transa.

[i] Referência ao poema “Os homens ocos”, de T. S. Elliot. [N.T.]

[ii] Nos Estados Unidos, é tradição que a noiva leve consigo, durante o casamento, algo novo, algo velho, algo emprestado (ou roubado) e algo azul. [N.T.]

[iii] Nos Estados Unidos, os noivos tradicionalmente espalham bolo um no rosto do outro. [N.T.]